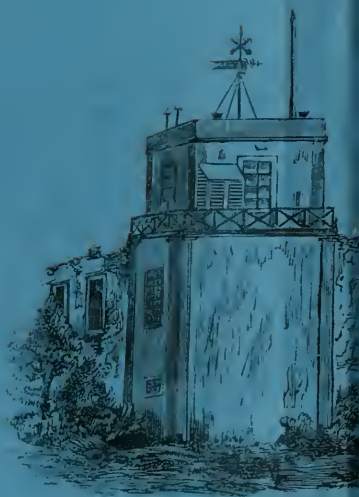
Castilho, Antonio Feliciano de
Tosquia d'um camelo

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

TOSQUIA

D'UM CAMELO

**CARTA A TODOS OS MESTRES DAS ALDEAS
E DAS CIDADES**

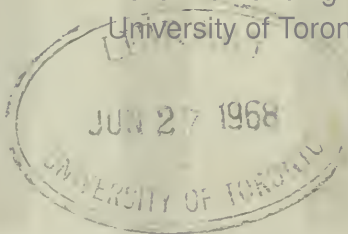
POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Mentita est iniquitas sibi

LISBOA

TYPOGRAPHIA URBANENSE

1853

Srs. Professores de Instrucção Primaria do Reino, Ilhas, e Possessões Ultramarinas.

Recebi pelo correio a seguinte Carta:

Doutor Castilho.

Rogo-te que leias o impresso publicado hoje na *Revolução de Septembro* — Carta a um professor d'aldêa sobre a leitura repentina. — Responde-lhe, mas já se sabe em termos scientificos e não em descompostures de regateiras. Custa 60 rs.

5 de Novembro de 1853. *Um Anti-Castilho.*

Pelo mesmo correio recebi o folheto. Roubei meia hora a trabalhos sérios de serviço publico, para tomar conhecimento d'elle. Perderei já agora mais algumas em fallar de um idiota protervo e mal-creado.

Qualquer negrinho se atreve a escrever com carvão n'um

muro branco, dizia um classico portuguez. Qualquer nescio, ajuntarei eu, se permitte discursar do que não entende, affrontando a quem lida em boas obras, a quem nunca o provocou, nem o conhece, nem o poderia de perto conhecer; e, para completa libré de miseria, anonimamente. Onde vistes, Srs. Professores, mais avantajado cumulo de ridiculo do que aspirar a contemplações um sicophante assim, que atira lama e pedras das encruzilhadas nocturnas a quem vai depressa para obra importante? Que discuta eu scientificamente com elle!!! Apresente-me primeiro os seus titulos scientificos á falta de nome; já que o seu nome é em litteratura tão obsceno que se não póde publicar. Os seus titulos reduzem-se provavelmente a estas 38 paginas, cuja leitura eu recommendo a todos os desoccupados, que não tomarem demasiadamente a peito a dignidade da rasão humana, os interesses da patria e os da humanidade.

Aconselhavam-me aqui alguns amigos que deixasse xafurdar o javardo no seu lodaçal sem lhe atirar. Não póde ser. Ponderavam-me que uma resposta era o que elle mais cubiçava, para vender o seu folheto e gloriar-se de ter obtido de mim alguns momentos de attenção. Seja muito embora assim: quero-lhe conceder esse proveito e essa honra; mas hei-de lhe deixar a cachola e os colmilhos pregados, como faziam os caçadores da idade média, por cima do portão da minha vivenda litteraria. Objectam-me a dignidade do cargo com que me honraram a nação, e o seu governo. Entendamo-nos uma vez por todas n'este ponto. O funccionario não é só funccionario. Impassivel como o deve ser no exercicio das suas funcções, ao sahir d'ellas reassume todos os seus direitos, todos os seus deveres de homem. Póde e deve desaggravar o seu decoro, pleitear a sua justiça, zelar o nome que grangeou com honradas lidas. Que varão de sentimentos nobres aceitaria cargo honorifico, se pelo facto de se investir n'elle, ficasse como os implumados, amarrado a um poste coberto de mel e com as mãos presas atrás das costas, para não esmagar nem enxotar os insectos e cevandijas, que lhe viessem poisar em cima? A troco de tal supplicio não aceitára eu imperios, quanto mais commissões de instrucção primaria. O despachado será um proscripto? A minha divisa ha de ser até ao fim a que tem sido; não sei se muito christã nem se muito curial; sei que indelevel na minha indole: SERVIR AO MAXIMO NUMERO POSSIVEL, E ATE' A'S RAIAS DO IMPOSSIVEL; CORTEZ COM TODOS; COM OS AMIGOS AMICISSIMO; COM OS VILLÕES-RUINS E IDIOTAS BRUTAES, INNEXORAVEL.

Estou-me envergonhando de parecer indignado com um anonimo, e anonimo sem especie alguma de importancia moral nem intellectual; mas direi para me justificar, e affirmo-o porque é verdade: não é o amor proprio de auctor que n'este momento me inspira; o invento portuguez está julgado no tribunal supremo. Se fosse possivel annullar-se a sentença, não havia-de ser por um juiz ordinario, um safardana em litteratura, que ninguem conhece; o que me irrita, mas excessivamente, é que em materia de infinita consequencia, um nescio presumpçoso e de má fé barafuste para desvairar aos nescios de boa fé, e por isso mesmo crendeiros. Não periga o methodo mas podem-lhe advir extorvos parciaes, que, em quanto senão removem, empecem mais ou menos a instrucção de particulares, e conseguintemente destinos da patria, de magnitude incalculavel. Se o anonimo não vê isto, o cego, o cego incuravel é elle; se o vê, e escreve como escreve, é um monstro com quem seria crime usar de misericordia.

Uma empregarei eu todavia com elle, e é não lhe rasgar no rosto a mascara como já nesta hora poderia, e mostrar ás turbas a cara de um alvar, que se permitte ser maligno. Oh! se eu lhe pregoasse hoje o nome como ousaria elle apparecer amanhã onde houvesse mães e onde houvesse filhos! poderia soffrer as risadas d'elles, e o olhar atonito e despeitoso de todas ellas? leva a tua mascara no rosto Herodes! Herodes passa sem te desembuçar. Passa! mas cuidado para o futuro, Herodes! Não cabe em posses de homem o ser tão generoso duas vezes; se reincides, ninguem te salva do pelourinho com o nome na testa; o pobre nome que já aqui está entre as minhas mãos.

Lá verás que não provocaste um surdo-mudo.

Diz o homem da caraça rota na pagina 3 que se considera habilitado para poder informar sobre o methodo portuguez, porque vio com os seus proprios olhos esta maravilha fatal da nossa idade. *Vi*, accrescenta elle, *nas aulas nocturnas que d'este ensino se estabeleceram em Julho de* 1852, *presididas pelo mesmo Castilho, creanças só com um mez de ensino lerem tão bem, senão melhor do que eu, periodos inteiros que os mestres escreveram com giz no quadro preto; mas tambem vejo que n'este seculo das luzes tudo é fomento, e progresso, e as artes de fanatisar e illudir tambem seguem a marcha. Muitas coisas tenho visto fazerem milagres ao principio, e passados poucos tempos perderem o prestigio e a virtude.* Não me deterei a commentar a ironia ou mentira de lerem bem os meus alumnos ao cabo de um mez; observarei só que n'esta primeira parte ha a confis-

são forçada, como de diabo sob o pezo de exorcismo, de que o Methodo Portuguez dá resultados admiraveis. Mais adiante no opusculo o inepto critico lhe nega absolutamente a efficacia. Não é tudo. O digno conselheiro do mestre d'aldêa tinha tanto desejo de conhecer bem a coisa sobre que discreteava e sentenceava, que os factos a que se reporta são os de uma só escola, quando em Lisboa elle podia ter visto mais de vinte; são os de uma escola de ensaio e pessimamente composta pela nenhuma escolha dos discipulos e pela excessiva franqueza a visitadores, quando podia ter estudado em todos os bairros da cidade outras regulares. São de quinze mezes atrás, quando em quinze mezes de trabalho constante e consciencioso, o ensino se devia infallivelmente haver aperfeiçoado. Porque rasão na vespera de abrir o seu oraculo aos mestres d'aldêa não iria o farricouco de passeio a qualquer das sallas de azilo de infancia desvalida, aos quarteis, ou aos collegios, onde se está professando racionalmente? Suceder-lhe-hia o que a tantos outros duvidosos ou descrentes aconteceu. Ficaria convencido da evidencia; mas o que de certo não faria é o que fizeram d'entre os descrentes os que tinham nome, os que tinham alma, os que tinham consciencia, os que tinham saber, os que tinham juizo; esses, o Senhor Wirth, e o senhor Silva Roza déram testemunho publico da verdade. Este fanatico e amouco da ignorancia publica primeiro se deixaria queimar vivo, que abjurar o seu alcorão. Depois d'esta amostra da lealdade insignissima do homem sem nome, nem onde o ter, documento que já nos podia dispensar de qualquer outra resposta, pois falla do que poderia ter averiguado, e não averiguou, sóbe um ponto na afinação, e faz-se erudito de botequim de aldêa, falla de magnetismo, de dança de mezas, do Sr. Carignan, do Sr. Cossoul, do Sr. Vila, do senhor Alexandre de Castilho, e de mnemonica, e de haverem cahido muitas coizas (que nem tódas cahiram) quer que se infira, que tambem o Methodo Portuguez ha-de hir a terra. Descance o propheta de infortunio que não ha-de ter essa consolação; o Methodo Portuguez tem já raizes de seis annos. Ha escolas, e muitas que por elle tem dado successivas camadas de ledores; a nação conhece-o por effeitos vistos, e palpados; a puericia quer-lhe como a um brinquedo; as mulheres como a um amor; os sabios como a uma idea luminosa; os patriotas como a uma revolução pacifica para o grande porvir; os religiosos, como a um desempenho do Christianismo. Querem-lhe todos, e querem-no todos, excepto os nescios e os malvados. Nenhuma força o arrancaria hoje da terra portugueza, onde a

Soberana e o povo o plantaram, o cultivam e o defendem; nenhuma força grande, quanto mais as mãosinhas de um liliputiano, que não tem nome, nem nas taboas zoologicas. Ha-de morrer o infesado critico de postema e raiva; hei-de morrer eu de trabalho e fogo de bons desejos; havemos de morrer quantos hoje respiramos, e o methodo ha-de ficar medrando e fructeando; porque o *Methodo-Portuguez* não é invento meu, nem de pessoa alguma; — foi o producto de um concurso de milhares de circumstancias que a Providencia se aprouve de congregar. Como Deus o bafeje de cima pouco importa que o diabo lhe sopre enraivecido.

Diz mais o authomato de escrever « *S. Ex.ª o Sr. Commissario Geral de instrucção primaria pelo methodo portuguez no reino e ilhas, recebendo* 1:100$000 *rs. annuaes, é dotado de poesia bastante, tanto em verso como em prosa para que a sua obra não perca o prestigio; e possue auctoridade sufficiente para a fazer respeitar e não a deixar morrêr. Além d'isso está sempre de atalaia, armado de raios e coriscos para fulminar sem misericordia qualquer profano, que ouse levantar os olhos diante desta arca misteriosa.*

Repugna pôr os olhos em similhante estendal de miserias. Que tem com a bondade ou ruindade do methodo a quantia que percebe o auctor e zelador do methodo? Quando ella fosse tão tenue como o ordenado d'um pobre professor primario, ou tão exorbitante, como os montes d'oiro d'um Rostchild, que provava isso na questão? Se quer lamentar o que a munificencia real e nacional me concedeu, lamentação propriissima n'um vilão silvestre, estude ao menos esse ponto que é apenas de arithmetica, e não tem as complicações d'uma questão methodologica. Achará que esse 1:100$000 rs. nominaes, se reduzem talvez em realidade a cerca de 700$000 rs., e estes dois primeiros annos, incomparavelmente menos. Mas a almas bem nascidas enjoam assumptos d'estes. Calcula, vilão! murmura, invejoso! mas não mintas até em algarismos.

Armado de raios e coriscos estal-o-hia eu, se podesse. mas á falta delles, estal-o-hei sempre de argumentos e esforços contra os profanadores do bom; contra os Tarquinios nocturnos e brutaes da instrucção popular; contra os vendilhões de mentiras e venenos por 60 rs.; contra os anti-Christos da religião da luz; contra os saiões e sicarios da puericia; contra os incendiarios da seára espiritual.

Depois destas gentilezas preambulares, diz o belfurinheiro de phrases, que entra em materia. Para darmos uma leve

amostra do que o pedantão entende d'ella eis-aqui logo as suas primeiras palavras : « *As lettras vogaes denotam os sons, que a nossa boca faz ouvir, com a garganta mais ou menos aberta ; e as lettras consoantes, mostram as modificações, que os sons vogaes recebem da lingua, dos beiços e do som nazal.* »

Aqui o commentar seria estruir. Da pagina quinta até á nona, continua com igual mestria a explicar ao aldeão a phisiologia de cada vogal e de cada consoante. N'esta prelecção, verdadeira parodia caricata do *Peão fidalgo* de Molière, vão os erros palmares formigando. Mas em remate põe o seguinte :

« *Por esta descripção que te faço dos sons simplices das lettras, podes inferir, que, para ensinar a ler é indispensavel dar um nome a cada uma d'estas lettras, que bem as distinga umas das outras ; porque não é possivel nomea-las pelo seu verdadeiro valor.* » Este impossivel do leigarráço fazem-no hoje nas escólas reformadas quaesquer crianças de quatro annos e de tres.

Vai por diante o selvaginha com o sermão que ninguem lhe encommendára, e diz o seguinte, que eu peço se leia com toda a attenção, pois tambem o não hei-de estragar com escolios :

« *Os nossos antigos, os que primeiro discorreram sobre os sons das letras, deram-lhes os nomes que todos sabemos*, a, bê, cê, dê, é, éfe, gè, agá, *etc. e por este systema aprenderam nossos páes a ler, e nos ensinaram a nós : e creanças tem havido da idade de tres a quatro annos, que tambem teem lido* pato, sapato *etc. porém os nossos sabios do presente seculo, sabios que só em Portugal se encontram, fizeram uma descuberta mui interessante á humanidade, e foi que as letras* f, l, m, n, r, *e* s, *não se deviam chamar* éfe, ele, éme *etc. mas sim* fê, lê, mê *etc. porque diziam, era esta a verdadeira pronuncia d'aquellas consoantes. Agora porém outros sabios, ainda mais sabios que aquelles, apuraram a cousa mais, e acharam que a pronuncia verdadeira e philosophica d'aquellas letras não terminava em* ê, *mas sim em um som mais parecido com* u *que com* ê, *pronunciado com o pescoço estendido a modo de enforcado. Esta descuberta é com effeito a cousa mais sublime e valiosa, que no mundo se tem feito para a completa regeneração do genero humano.* »

Vem logo apoz uma rajada de espirituosas pilherias, parte politicas, parte geographicas, e parte escoicinhativas, mas cujo pensamento fundeiro, é escarnecer a lembrança de que Portugal possa jámais ter coisa que as outras nações imitem ;

Portugal que em tantas coisas foi imitado ; e que tantas outras fez maravilhosas que nunca jámais acháram imitador. Patriotismo, discernimento, e erudição correm parelhas n'aquelle animal de vista baixa.

Silencio ! oiçamol-o ainda :

« *Alguem pensará, que para se ler uma palavra por exemplo* mel, *tanto importa soletrar* ème, é, èle-mel : *como* mê, é, lê-mel : *como* mu, é, lu-mel ; *e que para nada servem as questões de pronuncia philosophica para apprender que* c, h, a, *se lê* cha, *e ás vezes* ca : *mas a coisa muda de figura no divino Methodo, porque ali não se apprende a syllabar : escreve-se uma palavra inteira na taboa, v. g.* : pateta ; *e é tal o magnetismo do engasgado* bu, cu, du, *que os rapazes, ainda bem o vocabulo não está acabado de escrever, já elles o lêem todo perfeitamente.* »

Não é mister haver entrado nas escólas regeneradas ; basta haver passado por uma d'ellas para reconhecer que este coiso sem nome, ou jurou não abrir boca para dizer verdade, ou realmente se não parece com gente, nem no ouvir. Só Apuleio, que pertenceu primeiro á especie humana, e depois á asinina, é que o poderia justificar, se nos dicesse que em orelhas compridas — *be*, *fe*, *le*, *me*, surdissimamente proferidos, soam *bu*, *fu*, *lu*, *mu*.

D'aqui salta o descendente da interlocutora de Balaão a remoer no prologo da 3.ª edicção do Methodo Portuguez. Mete-se a gracioso á custa do Padre José Agostinho de Macedo. Tinha aquelle chistoso escriptor n'um folheto de critica litteraria aproveitado, com o sal que o distinguia, a manteação de Sancho do Servantes : teve merito n'elle, porque era original. O fraca-roupa, forte com o *nos quoque gens sumus*, parodia-o, com a habilidade com que um urso de feira póde imitar um dançarino de theatro. O *Sancho abaixo* e *Sancho acima* do rapsodista recai sobre o dizer eu no prologo : por uma parte o que o Methodo se tem propagado ; por outra, os estorvos que se lhe tem posto. Ora o que tem dado, o que póde, e o que deve dar ; ora o porque não tem já produzido muito mais. Já o amparo que lhe presta a gente de bem ; já a guerra que lhe movem, os tramas que lhe armam, e as minas que lhe soccavam os obscurantes como este, os ramerraneiros obstinados como este, os portuguezes degenerados como este, os nullos presumpçosos e orates como este, e creio que mais ninguem de igual calibre. Pelo menos, d'entre os que rosnam e gauem, só este sahio á rua a ladrar.

Na colla de quatro basbaquices indigestas sobre as figuras mnemonicas das lettras, pontuação e algarismos, apparece o seguinte:

« *Reconheço* finalmente, *(como elle* (o auctor do Methodo) *tambem reconhece) o prestimo da sua obra para os rapazes fazerem carapuços, e para entreter os doidos de Rilhafoles.* »

N'estas poucas palavras ha uma coisa de ignaro, outra de infame. De ignaro é, mas de ignaro ruim, o offender-se, com o haver-se tornado o estudo para as crianças recreativo. Vel-as chorar, é mais agradavel do que vel-as rir; vel-as fugir da escóla, mais consolativo do que vel-as correr para lá. Uma carapuça de papel que instrue não tem o chiste d'uma palmatoria, ou d'um cajado que, desanca. O infame, e infamissimo porém, o que de todas estas 38 cataplasmas typographicas sobre tudo me indignou, foi a implicita condemnação do pensamento de se acudir com mais um lenitivo e um remedio aos mais sympathicos de todos os infelizes, — aos alienados. N'esta parte, pelo menos, é logico: o inimigo da alegria infantil nas escólas, devia abominar o trabalho, a musica e a leitura para os alienados de Rilhafolles, como deve condemnar o trabalho, a leitura, o amor e a civilisação para os encarcerados no Limoeiro. A uma escóla pelo Methodo antigo depois de revelado o moderno, corresponderiam as palhas e o moladar de Job, as trevas, a nudez e o azorrague do enfermeiro para aquelles a quem Deus n'uma hora triste apagou o entendimento, condemnando-os a sobreviver-se, deixou a figura humana, e os rebaixou para a natureza irracional, talvez até para a vegetativa. A enxovia, o segredo, a golilha, os grilhões á cinta e aos pés, são o complemento d'estas harmonias, que, só pensadas fazem estremecer, e que este deshonrador da imprensa e da palavra, defenderia com ferocidade, se uma lesma podesse ser um tigre.

De pagina 14 a 18, como farça depois de tragedia, sai-nos o desalmado em disfarce de truão, para honrar com a sua reprovação o darmos a cada lettra todos os diversos valores que lhe podem competir; toma um rol de palavras viciadas pela plebe, compara-as com as correspondentes palavras certas, e apontando para as lettras da differença, attribue ás do vocabulo correcto, conjunctamente com o valor proprio o das lettras com que as trocou a ignorancia, ou incuria plebêa. Para melhor se entender esta parvoeira, citemos dois dos seus exemplos. « A diz elle, *tambem val i, v. g. jinella* etc. *B tem som de v, v. g. binho, baçoira, etc.* »

A resposta a argumentos destes, não se escreve.

Da utilidade das regras em verso, não admira que seus miollos dissorados não comprehendessem coisa alguma. A facilidade que ha em as decorar, é para as criancinhas, mas não para pascasios. A importancia do rithmo, não a atinam orelhas de Midas. Vai-te ás escólas novas dromedario, espreita para dentro, para não espantares com a carranca os pobres innocentes, e verás o que vallem o rithmo, as palmas, as marchas, as regras e o canto.

Sobre leitura auricular, larga d'uma vez todas as quatro ferraduras; espanta-se com a coisa mais simples e mais proveitosa; não sabe mesmo copiar o que cita do livro, e pergunta com um sorriso triumphal de basbasque: se não será mais facil decorar o *bê-á-bá*.

Na pagina, e verdadeiramente pagina 21, brilha debicando em erros typograficos da edição.

A questão orthographica podia-se discutir, mas havia de ser de homem a homem, e não de homem a mostrengo. As considerações, que para ella vem, são para outra casta de intelligencias. Não lhe admittimos a competencia em tal assumpto, porque não é só uma questão litteraria; é uma questão social e de humanidade. O inimigo das crianças e dos alienados, deve-o ser tambem da instrucção do povo em geral; e antepôr conseguintemente erudições pedantes á santa causa da civilisação.

A pagina 23 lê-se: « Os mestres ramerraneiros teem tido « medo do divino methodo e do seu autor tambem, e com alguma « rasão, porque elle mesmo lhes infundiu esse receio quando « descreve as qualidades phisicas indispensaveis a um professor « repentino. » Qualidades fisicas indispensaveis diz textualmente o sandeu, e para prova transcreve logo do meu livro o seguinte, tambem textualmente: « Das qualidades fisicas desejaveis para um Professor das nossas escolas, as principalissimas são etc. » Ora um zote que não differença *desejavel de indispensavel* como poderia discursar toleravelmente em coisas fora da sua experiencia?

Peço attenção especial para o que vou trasladar da pagina 24 do falsario: « *O mesmo doutor, creador, auctor, inventor, propagador, professor, e ensinador d'aquelle methodo, mostrou não possuir as qualidades essenciaes, para o ensinar. Tres mezes só de curso repentino a menos de uma hora de lição por noite se lhe tornaram fadiga insupportavel, e agora vive descançado e descançando d'aquella insupportavel fadiga.* »

Quereis-lo mais alimaria? O curso que demos no Palacio Sarmento, de meado Julho a meado Outubro do anno preterito, teve por fim principal demonstrar a todas as classes da sociedade, que por isso foi franquissimo, as preeminencias do methodo novo comparado com o ramerrão; demonstraram-se em acto publico e solemne; concluiu-se; mas depois d'elle o meu trabalho, por se exercer em outras partes, e por maneiras diversas, não deixou ainda de ser todo endereçado ao mesmissimo alvo, a instrucção primaria popular; bem como já de annos atrás era essa a minha occupação continua, segundo confessam os que não escurecem adrede e accinte o pouco ou muito bem que os outros fazem Se a actividade do rabula fosse egual ao descanço que elle me inveja, não teria de certo vagar para babar injurias e nescedades que alagassem 38 paginas de impressão. Como o conheço, e bem, e optimamente, posso-lhe affirmar, na plenitude de minha consciencia, que estes meus bemaventurados ocios, que lhe quebram os olhos, teem já produzido para a utilidade commum dez, cem, mil vezes mais que toda a excuzadissima existencia d'elle. E quando não, é pôr os seus documentos no tribunal do publico onde eu já tenho parte dos meus e para onde irei levando novos todos os dias, se Deus, o Governo, e a Nação continuarem a ajudar-me.

Não pára aqui; oiçamol-o na página 25 « *Não posso na verdade comprehender as razões porque este Senhor Castilho se mostra tão feroz inimigo dos pobres professores, que não acreditam no sublime methodo. Elles serão falsos portuguezes, serão ramerraneiros incorregiveis, serão obscurantes por systema, e serão muita cousa mais; mas teem virtudes, que devem envergonhar o Senhor Commissario geral. São tolerantes, e soffredores pacificos dos insultos que d'elle recebem, e mostram-se generosos deixando viver em paz o seu difamador.* Ora Srs. vós haveis de ter encontrado inumeraveis tollos máos; mas tão depravado e tão estolido nunca de certo o vistes. Difamador e inimigo eu dos mestres primarios! Venham as provas. Uma prova; uma semiprova; o que d'elles tenho dito é o mesmissimo que índa agora juro aos Santos Evangelhos: ha muitissimos que não sabem escrever, nem caligraphica, nem legivel, nem ortographicamente, que não sabem ler, nem elegante, nem corrente, nem soffrivelmente; que pronunciam mal, que estropiam o vocabulario da lingua patria desde o A até ao Z, que não tem nem as noções iniciaes de metodologia, ou de pedagogia, e não poucos dos quaes reunem a tudo isto um desleixo escandaloso, uma

descuriosidade ignobil, e não raro, uma grosseria presumpsosa que faz mal aos nervos. Conheço taes, que os julgo até já incapazes de apprender, quanto mais de doutrinarem elles em terra de gente civilisada. Outros porém, honram a profissão que exercem. Os primeiros, não merecem o que ao thesouro custam; para os segundos devem-se desejar e pedir ordenados proprocionaes aos seus meritos, e ao vallioso do seu serviço. Com as tenuissimas retribuições dadas (e não só no nosso paiz) ao magisterio primario, o que admira não é o haver mestres que discorram como o sendeiro, a quem estou fazendo a honra de tirar a pele, e que se obstinem como elle em deffender o mais absurdo de todos os ensinos, contra o mais filosofico dos que até hoje se provaram; o que maravilha e assombra, é, que a despeito de tão parca, de tão mesquinha e quasi mendiga sustentação, se possam ainda encontrar pelas cadeiras varões e damas respeitaveis, que sabem do seu officio ás direitas, e o cumprem sem d'alli colherem se quer louvor, nem esperarem gratidão. Duas coisas imploraria eu principalmente para a instrucção primaria; duas coisas das quaes se faria uma justiça. 1.ª: Demissão dos mestres ineptos e incorrigiveis; salva já se sabe a congrua sustentação vitalicia dos que houvessem envelhecido no serviço, ou se achassem impossibilitados para tomar outra carreira; 2.ª: Ordenados altos, e muita consideração honorifica para os mestres e mestras que devidamente examinados e approvados no que haviam de transmittir continuassem na pratica a mostrar egual proficiencia. O magisterio scientifico não é quanto a mim superior ao primario, nem pela importancia em relação ao bem publico, nem pelas fadigas que impõe; nem pela responsabilidade que o acompanha. O lente ensina a poucos; o mestre-escola a muitos e a todos. O lente, a adolescentes ou à adultos com a rasão formada; o mestre-escola a creanças com poucas ideas; hospedes na vida e para quem a sujeição é ainda uma coisa com todas as estranhezas de contra-natural. O lente trata assumptos de grande interesse; o mestre-escola trata os do interesse mais geral, mais notorio e mais incontestavel. O trabalho do lente é suave, cheio de delicias para o espirito; o do mestre-escola, monotono e espinhoso; de poucas horas o do lente, de muitas o do mestre-escola; emfim para o lente todos os respeitos. O seu mesmo titulo é uma nobreza; para o mestre-escola a obscuridade, a dependencia, as humilhações quotidianas e perpetuas. Não quizeramos que os rendimentos dos lentes se diminuissem; bem pelo contrario; mas quizeramos que a remuneração dos mestre-escolas fosse

mais que duplicada e triplicada. Eis-aqui, ó idiota perdidissimo, ó falsificador das obras, das palavras, e dos pensamentos, eis-aqui a minha ferocidade, a minha difamação contra os professores primarios.

Não ha demente mais profundo em maldade do que este homunculo. Resmunga a paginas 26: «Disse já alguem que « aquellas aulas nocturnas a que o Sr. Castilho presidio tinham « fins politicos e a mira n'um grande legado? »

Desçamos a responder a esta calumnia, que se pertendeu encubrir com um ponto de interrogação, e por esta occasião desfaçamos primeiro outras balelas, analogas, que por ahi tem grassado.

A fundação d'escolas primarias nocturnas e gratuitas é, já de annos, o meu sonho porfiado. Graças á coadjuvação de bons amigos, vi-as nascer, e estou-as vendo multiplicar em S. Miguel; exemplo, que tem sido imitado n'outras ilhas portuguesas. Em Lisboa, depois de primeira e segunda tentativa para o mesmo fim, malogradas ambas, vim a instaurar em Julho de 1852 um curso desta naturesa na propria casa, que era então minha residencia, no palacio Sarmento, á Estrella. Como o beneficio era para todos, entendi, que alguem mais podia para elle contribuir, e assentei, não só em approveitar quanta coadjuvação se offeresse; mas, até em sollicital-a. Assim, para o trabalho do Magisterio tive por collaboradores mais constantes, os Srs., Doutor Eduardo Napoleão e Silva; Luiz Fillipe Leite, Director da Escola Normal Primaria de Lisboa; Valentim José da Silveira Lopes, Director da Academia de Minerva; e as Sr.as D. Maria José da Silva Canuto, Mestra Regia da freguesia das Mercês; e D. Emilia Victor da Silva Quanto ás despesas do material, houvera sido a minha ambição deixal-as correr todas por minha conta; as forças, porém, como quasi sempre acontece, não chegavam até onde ia o bom desejo. Dava eu a casa, folhetos para a leitura, a mobilia escolar, que possuia; os Srs. O'Neil offereceram generosamente madeira para mais bancos; mestres carpinteiros a sua mão d'obra; o Sr. Commendador Tavares bancos feitos; o Sr. Commendador Viale ardosias; o senhor compositor Antunes folhas impressas etc. etc. Ao quotidiano das despesas miudas não admitti coadjutores. Faltava a illuminação; a familia dos mexeriqueiros e mentirosos por ociosidade, a que pertence o bisborrias do meu anonimo, é infinita; espalhou-se, e muitos ainda hoje o acreditarão de bôa fé; em todo o caso, repete-se, que o gaz me havia sido dado briosamente pela companhia sua empresaria.

Para acabar, d'uma vez para sempre, com essa falsidade mais, vou transcrever documentos:

DOCUMENTO I.

Carta ao Sr. Claudio Adriano da Costa.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. e Am.^{o}. Pelos jornaes já V. Ex.^{a} saberá do como persevero no meu empenho, já de cinco annos, de fazer, com que o nosso povo leia e escreva. Em Sam-Miguel existem dez aulas nocturnas e gratuitas de leitura pelo meu methodo. Em Lisboa ensina-se por elle em varias escolas e collegios, e nomeadamente na Sala d'Azilo para Infancia desvalida da rua dos Calafates, d'onde em breve passará a feliz innovação para as outras seis salas d'azilo. A despeito d'opposições academicas... tem demonstrado os resultados, que este modo d'ensino é tão efficaz e prompto, como aprazivel; e é por isso, que eu annunciei o curso nocturno gratuito, que vai ser aberto, aqui nesta casa de V. Ex.^{a}, a 15 do corrente, sob a minha direcção immediata. Como obra de misericordia e humanitaria, não póde haver alma de bem, cuido eu, que não sinta um verdadeiro gosto em coadjuvar o meu projecto. Em V. Ex.^{a} porém, accrescem ainda razões especiaes. V. Ex.^{a} é alguma coisa mais e melhor, que um espirito elevado e um sabio; é um amigo ardente e efficaz da instrucção publica. Eis-aqui, pois, o que eu requeiro, e o que, pelo valimento de V. Ex.^{a}, espero obter da, já mui benemerita, companhia da Illuminação a Gaz—é para os nossos pobres alumnos a esmola da luz material; a outra, cá lh'a darei eu, como puder, fazendo para isso á minha custa, alem da despeza do tempo, a de certos impressos, e outras miudezas; mas a da illuminação indispensavel, confesso, que excede as minhas posses.

Estou convencido, de que essa Companhia não hesitará um momento em fazer este sacrificio á causa, por que todos nos desvelâmos; á causa da civillsação. Tres ou quatro bicos de gaz bastariam, cuido eu, para alumiar e alegrar a vasta sala que neste palacio destinei ao curso das primeiras lettras. O curso completo deve durar poucos mezes, não durando cada noite mais de duas ou tres horas. E' superfluo ajuntar que todo o gaz, que o *contador* accusar haver-se gasto para alem das tres horas *diarias* haverá ardido por minha conta; como é evidente, que, finalisado o Curso, o que d'ahi avante se consumir, será pago por mim, inteira e exclusivamente.

Como favor sobre favor, supplico a V. Ex.ª que, no caso de ser o despacho favoravel aos meus e nossos pobres, como espero, V. Ex.ª faça com que os operarios encarregados de encanar para aqui o gaz se dêem pressa, para terem a obra concluida até o já apontado dia 15.

Permitta-me V. Ex.ª aproveitar esta occasião, tão oppurtuna para me assignar

De V. Ex.ª
Admirador, amigo e creado obrigadissimo

C. de V. Ex.ª, Palacio do Sarmento Rua dos Navegantes, á Estrella, 3 de Julho de 1852.

A. F. Castilho.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Claudio Adriano da Costa.

Esta carta nunca obteve resposta.

DOCUMENTO II.

Carta aos Directores da Companhia da Illuminação a Gaz.

Achando-se ausente de Lisboa o Consocio de V. Ex.as, e meu Amigo, o Sr. Claudio Adriano da Costa, a quem eu escrevêra em data de hontem, para sollicitar de V. Ex.as um grande favor, e sendo por isso impossivel, attenta a urgencia do negocio, deixar eu de incommodar directamente a V. Ex.as, permittam-me V. Ex.as a liberdade de lhes dirigir, por este modo, o meu respeitoso requerimento.

Coadjuvado por algumas pessoas philantropicas e illustradas, emprehendi, a despeito das minhas multiplicadas e excessivas occupações, dar, na casa da minha actual residencia, aos operarios, creados de servir, e quaesquer outros necessitados, um curso nocturno gratuito de Leitura e Escripta Repentina, que o excellente Calligrapho D. Pedro Sebastiã y Vila, posto que estrangeiro, se offereceu depois a completar, com outro de Calligraphia rapida, segundo o seu methodo.

Não é tudo: para generalisar ainda mais e tornar permanentes os fructos d'estes nossos trabalhos, teem já sido, e continuam a ser convidados e rogados para assistir a elles todos os mestres e mestras, directores e directoras de collegios, que por seus olhos e ouvidos se desejem certificar das vanta-

gens d'estes novos methodos, e pôr-se em circumstancias de ensinar por elles. Já se vê, que uma empreza deste genero, e de tão largo alcance para o futuro, merece bem ser auxiliada por todos os corações generosos, por todos os amigos da nossa terra, em cujo numero, hoje escaço e escacissimo, entram sem duvida V. Ex.as. Se a fortuna me chegasse até onde me chegam os desejos, não cederia eu a outrem, nem mesmo a V. Ex.a (permittam-me dizer-lh'o mui candidamente) a satisfação de fazer tudo eu proprio e desajudado; mas, ao dispendio, não só do meu tempo, mas tambem de impressos, que vou dar aos alumnos, que já promettem ser numerosos, não me é possivel juntar eu o gasto da illuminação. Houve quem me lembrasse, como expediente facil e de mui provavel exito, recorrer para este fim a uma subscripção, e por ella obter das almas bemfazejas, com que allumíar e alegrar durante o seu estudo os nossos interessantes pobresinhos; respondi-lhes, que fôra fazer a V. Ex.as uma affronta mui desmerecida, privando-os da satisfação de haverem parte, se quizessem, na boa obra, que, sendo para todos, era de todos igualmente. Aqui está por tanto a que se reduz o meu, não sei se lhe chame requerimento, se offerecimento a V. Ex.as: é a concessão de um pouco de gaz, para alumiar estas salas, em quanto durarem as prelecções, que não poderão ser muitos mezes, nem em cada dia durar mais de duas ou tres horas. Concluido o curso, entendido está, que tódo quanto gaz eu consuma d'ahi ávante, é só por mim, que ha-de ser pago.

Querendo V. Ex.as fazer ao Publico o pedido favor, tomo a liberdade de ponderar a V. Ex.as que não ha tempo que perder, pois que, segundo os annuncios repetidos em todos os jornaes, a primeira licção ha-de ser no serão do 15 do corrente. Caso V. Ex.as entendam não poder associar-se assim á nossa obra, espero tenham a bondade de m'o fazer constar quanto antes, para recorrermos a outras quaesquer providencias, em ordem a não padecer adiamentos o desempenho da mais sympathica de todas obras de mizericordia.

Tenho a honra de ser com a mais distincta consideração

De V. Ex.as

Venerador e criado muito respeitoso

Lisboa 4 de Julho de 1852.

A. F. de Castilho.

DOCUMENTO III.

Resposta á carta precedente.

Sr. A. F. de Castilho. Temos presente a philantropica carta que V. nos fez a mercê de nos dirigir em 4 do corrente, assim como a que por V. foi igualmente dirigida ao nosso collega Claudio Adriano da Costa, e em resposta ao contheudo de ambas, somos a dizer a V. que se nós houvessemos de consultar sómente os nossos sentimentos particulares com muito gosto annuiriamos aos desejos de V. , mas tendo de exercer um cargo em que as nossas attribuições se acham diffinidas com todo o rigor para administrar, e não para alienar a propriedade que nos é confiada, não ousamos; por só pertencer á nossa Assembléa Geral essa faculdade, pôr em pratica a caridosa liberalidade, que muito apeteceriamos a favor da desvalida pobreza, a cuja instrucção V. tão beneficamente se está dedicando.

Somos

De V. etc.

Lisbôa 20 de Julho de 1852.

Os Directores

(Assignados)

Luiz de Castro Guimarães.
J. Detry.

Em resultado de toda esta escusada correspondencia, mandei fazer para as minhas salas a canalisação do gaz, e para elle nove candieiros; o que tudo pelos recibos, que tenho, dos Srs. Silva & Imberton me importou em 54$600 rs.

A alimentação destas nove luzes, sem fallar em todas as outras, custou-me durante os tres mezes do Curso, como demonstram os recibos, que tenho, da Companhia, 29$680 rs. Estas duas verbas sommam 84$280; se ajuntar-mos á isto os saraus artisticos nascidos do Curso, e prolongados por todos os sabbados até ao fim de Março; saraus, cujo interesse era ainda publico e não meu, e que me consummiram em gaz 17$200, teremos 101$480 de desfalque voluntario, e espontaneo na bolsa de um homem pobre, só com o artigo luz de gaz para servir á instrucção. Quem assim desbarata do seu, claro está, que mais depressa poderá ser tachado de prodigo, que de especulador.

Disse tambem ahi um jornal, (e que ha no mundo que jornaes não digam?) que eu tinha solicitado o beneficio d'uma illuminação no Passeio-Publico, pretextando escólas, e com o fim especial de me enriquecer. Já que estou varrendo de immundicies a minha testada, ahi vão mais documentos:

DOCUMENTO IV.

Carta ao Sr. Izidoro Guedes.

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Tendo eu a honra de presidir á Commissão de Instrucção Publica, formada pelo Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, e sendo ao presente o maior empenho d'esta numerosa, e já muito importante Associação, conseguir se fundem, de esmolas publicas, escólas nocturnas e gratuitas, por agora, em todos os bairros da capital, e para o futuro, ajudando Deus, em todo o reino; e convindo ao mesmo tempo appressar por todas as maneiras o cumprimento de tal *desiderandum*, lembrou-me em bem recorrer, como agora faço, a V. Ex.ª, na qualidade de digno Provedor do Asylo da Velhice Desvalida d'esta cidade, e supplicar-lhe, como instantissimamente lhe supplico, se digne coroar a magnifica obra, que entre mãos traz de beneficio aos seus felizes asylados, com outra não menos boa obra: a de esmola ao povo carecente de illustração.

¿ O Passeio-Publico, depois das noites, em que V. Ex.ª o vai illuminar para beneficio dos seus pobres, não poderia continuar ainda a sêl-o por mais uma ou duas, em proveito das futuras escólas?

Sei, que são necessarias licenças do corpo municipal, e da auctoridade administrativa; e que além d'essas licenças, se carece ainda de quem saiba e queira pôr-se, como director, á frente d'esta segunda festa. Ora pois, é com V. Ex.ª que eu ouso contar para uma e outra coisa. A reconhecida caridade de V. Ex.ª não me permitte duvidar, de que V. Ex.ª se incumbirá gostoso de sollicitar e obter, pelos caminhos já seus conhecidos, e repetindo os passos, que já deu, a prolongação da sua santa festa para este fim, de não menores sympatias; assim como me faz antever, que V. Ex.ª se offerecerá do melhor grado, para continuar a correr até ao fim com essa direcção de coisas, em que já tem de mais a mais a experiencia. Achando o meu requerimento bom despacho em V. Ex.ª, só me resta declarar-lhe que o thesoureiro, em que todas essas

esmolas para a fundação e manutenção de escólas, e impressão de livros populares se reunam, é o Sr. Carlos O'Neil, de cujo cofre nem um real ha-de saír d'este dinheiro sacratissimo, senão contra recibos, perfeitamente legalisados, de despesas, que para os referidos fins se houverem feito.

Se fossem necessarios intercessores para resolver o animo bondoso de V. Ex.ª a rasgos desenganados de humanidade, uma intercessora tinha eu, e a mais valiosa, debaixo dos tectos e ao lado mesmo de V. Ex.ª Foi á Excellentissima Esposa de V. Ex.ª, á heroica presidente da Sociedade Consoladora dos Afflictos, que eu dediquei esta *Leitura Repentina*, pela qual e para a qual taes escólas se estabelecem; como poderia similhante nome, invocado perante V. Ex.ª, e invocado para negocio tão da indole de V.ªs Ex.ªs, deixar de ser uma recommendação irresistivel? Mas não é mesmo ao amor conjugal de V. Ex.ª, que eu pretendo dever o milagre; é simples, unica e exclusivamente ao seu amor do proximo, ao seu espirito christão.

Permita-me V. Ex.ª aproveitar com avidez esta occasião de me assignar de V. Ex.ª muito respeitoso, e dentro em pouco muito obrigado servo.

Lisboa — Palacio do Sarmento á Estrella, 30 de Agosto de 1852.

A. F. de Castilho.

DOCUMENTO V,

Resposta á carta precedente.

Sr. Tive a honra de receber a mui attenciosa, e obrigante carta de V., na qual significava o louvavel desejo de que a illuminação do Passeio-Publico se prolongue por mais alguma noite em beneficio da Associação de Instrucção Publica, de que V. é digno Presidente, e que tantos beneficios tem feito, e tantos promette em favor das Classes Laboriosas.

Os desejos de condescender com V. , que eu amo, e respeito tanto; a sincera dedicação, que eu tenho pelo meu Paiz e, principalmente, pelas classes pobres, a que a sociedade deve o sustento do corpo, ou do espirito, seriam motivos assaz poderosos para me decidir a concordar no pedido, se não tivesse

impossibilidade de o fazer. Já similhantes desejos me foram manifestados em beneficio de outros estabelecimentos, e para diversos objectos, e a minha resposta tem sido sempre a mesma.

O Asylo de Mendicidade tem carencia absoluta de recursos para poder augmentar a sua instituição, se não ao verdadeiro ponto, a que ella é necessaria, ao menos ao que fôr possivel para diminuir muito a mendicidade na Capital. Ainda ha pouco contractou a compra d'um edificio propinquo ao actual estabelecimento, que deve pagar dentro de tres mezes, e eu confesso que ainda não sei como poderei fazer face a este pagamento: e, verificado elle, segue-se depois maior despeza para sustento de novos asylados, e os recursos proprios são poucos, e sem auxilio da Caridade Publica o Asylo não póde subsistir.

Foi para invocar a Caridade Publica, que eu imaginei esta grande festa de Caridade, que no anno passado teve o exito mais feliz.

Ainda não estou certo, se este anno terá resultados tão felizes, mas sei que o Asylo despende grandes sommas, e o seu capital corre risco.

O Asylo, pois, nestas circumstancias não póde prescindir de tirar desta festa todo o partido possivel, e deste empenho, ha-de V. concordar, não posso desistir. Não conviria mesmo, depois de esgotados os proveitos desta festa, pois só depois é que rasoavelmente poderia pensar-se em repetir a illuminação, fatigar o publico com o mesmo espectaculo, com prejuizo para os futuros beneficios do Asylo, e sem proveito para a Associação de V. , pois que as despezas de uma noite de illuminação são grandes, e os resultados não haviam de corresponder.

Eis-aqui os motivos pelos quaes não me é possivel condescender, como Provedor do Asylo de Mendicidade, com os desejos de V. , que aliás são os meus, mas que eu estou na impossibilidade de satisfazer. Faço sinceros votos pela saude de V. , e pela prosperidade de seus esforços a bem da humanidade.

Sou com a maior consideração

De V.

Muito affecto amigo e obrigado

5 de Setembro.

José Izidoro Guedes.

P. S. Esta carta por esquecimento, de que peço perdão,

não foi expedida no dia da data, e vai hoje 9—V. verá que o facto da noite de 7 veiu confirmar o meu juizo.

Foi mais um mallogro, e podéra ter sido um desengano; mas cada um obedece fatalmente á sua natureza; boa ou má, a minha é deste modo. Não quero ser tido em mais do que valho; mas tambem não quero carregar com a imputação dos vicios, que não tenho. De quantas calumnias me podem inventar, a de interesseiro, ha-de ser sempre, e até ao fim da minha vida, a mais atroz.

Trazia eu por esse tempo um pensamento, um desejo, uma tenção, que folgo de registar aqui; porque em fim lá chegam ás vezes circumstancias, que fazem germinar uma sementinha preciosa, que já se julgava perdida. Ambicionava, o que tão largamente suppliquei, com phrases sahidas todas cá de dentro, no artigo A B C PARA O POVO, publicado no *Almanak Democratico*, feito para este anno, pelo meu sabio e virtuoso amigo Henriques Nogueira. Ambicionava, que cidades e campos se apinhassem de boas escólas primarias, e os futuros ledores se abastecessem de futuros livros optimos; unico penhor certo da salvação terrestre. Propuz tudo isto no *Centro Promotor dos melhoramentos das classes laboriosas;* ousei aspirar a que se fundariam de esmolas, aulas publicas, até magestosas, para cursos nocturnos populares e dominicaes; e tão crente andava na diligencia, que sollicitei, e obtive do formoso talento, e humanitario coração do Sr. Pezerat um soberbo risco para uma aula modêlo, e elegantissima; aula, que, ainda que dispendiosa, eu imaginava se edificaria de repente, se, como o cheguei a propôr a muitos amigos, os sabios e os litteratos tivessem o christão arrojo de sahirem processionalmente do templo maior da cidade pelas ruas della, de bandeira alçada em frente, e ao som dos hymnos da illustração e do trabalho, por todas essas ruas, até aos paços reaes, mendigando para a instrucção do povo. Como era coisa nova, quasi todos se retrahiram; pretextaram difficuldades, que não eram provadas, nem provaveis; deixaram-me só com a minha utopia. Muitos iriam por ventura rir-se e escarnecer da loucura.

Foi por esses tempos, que morreu um homem benefico, o pae dos pobres, o commendador Esteves Freire, deixando em seu testamento á sua viuva copioso thesouro para applicações de beneficencia.

Era já aberto o meu primeiro Curso aos filhos do povo, aos operarios, aos descalços e semi-nús. Escrevi em nome

d'elles, fiz por elles assignar de cruz, e com elles, e com varios cavalheiros e damas de extremada caridade, fui entregar em casa da viuva um requerimento. A cópia d'elle vai responder ao ponto de interrogação d'aquelle bruto.

DOCUMENTO VI.

Ill.^ma^ e Ex.^ma^ Sr.^a^ Dona Margarida Amalia Esteves Freire. — Os abaixo assignados, tendo sabido pelos altos louvores da voz publica, o como o nunca assás chorado esposo de V. Ex.^a^, ainda lá na patria das eternas recompensas, continuá a viver para os pobres deste mundo; e constando-lhes, que o ultimo acto, digno daquella grande alma, foi deixar nas mãos de V. Ex.^a^ uma avultada herança, para os que nada possuem, a fim de que éstes se não sentissem menos filhos de V. Ex.^a^ do que delle proprio; e a caridade ficasse ainda sendo de alguma sorte um vinculo de consorcio, que a morte não podesse quebrar nunca, vem hoje, no dia do Senhor, com quanto respeito e amôr póde caber em filhos, implorar o maternal coração de V. Ex.^a^ para uma grande obra de misericordia em favor d'elles, e de muitos mais, e de todos em geral.

Trata-se; Ill.^ma^ e Ex.^ma^ Sr.^a^, de ensinar em escólas nocturnas e gratuitas, rapida e agradavelmente, o lêr e o escrever a todos os desamparados da fortuna, que desejem empregar tão utilmente os remanescentes dos seus dias de trabalho e desconsolo.

Para isto se abriu e principiou já a funccionar nesta freguezia uma escóla, á qual affluiram logo (louvores á Providencia) mais de 700 discipulos, da mão de muitos dos quaes são as cruzes, que, para supprirem as assignaturas, que ainda não sabem fazer, hão de ir no fim deste requerimento.

Com grande mágoa se tem fechado a porta a grande numero, que ainda se pretendia matricular, e isto por falta absoluta de espaço onde se recebessem, o que tanto aos olhos da religião, como aos da humanidade é uma grande lastima. Com grande confiança na Providencia se aspira a grangear casa, em que se recebam para o ensino gratuito e nocturno todos quantos o desejem neste bairro, e fazer outro tanto, sendo possivel, em outros pontos da cidade, e em todo o reino, que não faltam por todo elle cegos intellectuaes a pedirem a luz.

Eis-aqui, Sr.^a^, o por que todos os abaixo assignados se dirigem, com muita affouteza; da casa de Deus, onde acabam de interceder pelo descanço de tão religioso bemfeitor, a esta

casa, em que elle deixou o pão do espirito para os seus pobres entregue a tão boa ecónoma, como de publica notoriedade o é V. Ex.ª A quantia que V. Ex.ª entenda poder esmollar para este fim, em nome e pela alma do seu querido esposo, seja depositada na mão, que V. Ex.ª mesma preferir, da qual não sahirá senão para se ir applicando á vista de recibos bem claros de despezas bem indispensaveis ás projectadas obras de fundação, abastecimento, e illuminação de escólas de primeiras letras para os desvalidos.

Os abaixo assignados pedem licença para beijarem com respeito e devoção de filhos as mãos de V. Ex.ª pela grande e santa esmola, com que já contam, pois a pedem a uma das almas mais bemfazejas, e á mais longamente costumada a ver de portas á dentro a pratica da caridade; pedem-na em nome de Jesus Christo e do seu Evangelho; em fim, em nome e pelo repouso do que V. Ex.ª mais amou e ama ainda.

A quem, depois da vida terrestre assim continuar a diffundir pelos pobres a luz do entendimento e a do coração, como poderia deixar de resplandecer com summa gloria a luz perpetua?

(Seguiam-se as assignaturas.)

Passou-se tempo largo, sem despacho nem indeferimento. Deram muitos jornaes a noticia de que a respeitavel viuva Esteves Freire tencionava distribuir, da avultada parte do testamento deixada para obras pias, dois contos de réis á misericordia de Lisboa, dois aos Azilos de Infancia, dois aos de Velhice, dois ao Hospital, etc., e quatro á fundação de escolas populares gratuitas. D'este dito sem fundamento fez-se logo um facto, em que tudo era mentira; espalhou-se e recebeu-se como coisa assentada, não só que ella dava os quatro contos, senão que os dera; não para se fundarem escólas, senão para a minha escóla já fundada; e não para a mão de qualquer outro depositario, senão para a minha. Tudo isto correu e chegou longe; de toda a parte recebi parabens de uma coisa, que nem era nem podia ser, pois ainda que Sua Ex.ª me tivesse querido entregar quatro contos, quatro crusados, ou quatro milhões d'elles, certo como existir um Deus, recusava-lh'os. Cançado a final de ouvir sempre o mesmo zumbido de embustes, escrevi e enviei a seguinte carta:

DOCUMENTO VII.

Carta á Sr.ª Viuva Esteves Freire.

Ill.ᵐᵃ e Ex.ᵐᵃ Sr.ª. Tendo-se espalhado pelo reino e ilhas que V. Ex.ª tivera a generosidade de me remetter quatro contos de réis em virtude do requerimento, em que eu a V. Ex.ª supplicava pela alma de seu finado esposo se lembrasse d'acudir ao desamparo da instrucção popular com alguma parte do cabedal, de que V. Ex.ª tinha ficado depositaria para obras pias, e sendo a verdade, que eu por esse requerimento não supplicava a V. Ex.ª esmola alguma, para a minha escóla gratuita, nem acceitaria para a minha mão um só real, assim como que V. Ex.ª nem concedeu quantia alguma para se fundarem estes viveiros d'instrucção e de moralidade, nem se quer por escripto, palavra, ou recado, se dignou responder áquelle desinteressado papel, por mim feito, por mim assignado, e por mim levado com centenares de signatarios a caza de V. Ex.ª, sendo por tanto esse boato dos quatro contos de réis, dois falsos testemunhos levantados, um a V. Ex.ª, outro a mim; rogo a V. Ex.ª se sirva de me ajudar a desmenti-los, mandando declarar muito explicitamente nos jornaes, não tanto a substancia do meu requerimento, (pois esse já pelos mesmos jornaes se tornou publico) como o nenhum caso, que V. Ex.ª delle fez, podendo V. Ex.ª ajuntar as razões, que para isso teve; razões, que ninguem no publico advinhou, mas que eu respeito sem as conhecer.

Quando se tratava d'inaugurar estudos de leitura e escripta, sollicitei humilde, metti por intercessora a alma benefica de seu marido, invoquei os principios santos da religião e da humanidade; mas agora, minha senhora, que se trata d'uma restituição de credito; agora, que o ponto não é conceder ou negar uma esmola, embora aos maiores necessitados, e de todas talvez a mais bem entendida; mas sim, destruir uma injuria atroz, que o silencio de V. Ex.ª pareceria authorisar, agora, permitta-me V. Ex.ª dizer-lhe; que exijo em nome da honra a supra indicada declaração de V. Ex.ª pelos mais claros termos, e por modo que supprima, de uma vez para sempre, quaesquer pretextos á maledicencia, que nunca ella falta contra quem deseja activamente o bem.

Devo lealmente prevenir a V. Ex.ª de que reservo cópia d'esta carta, a fim de que no cazo inexperado de nem isto mesmo obter resposta de V. Ex.ª, eu possa levar ao conhecimento pu-

blico este documento do meu inteiro e absoluto desinteresse. Se tal accontecer, disso, e do mais a que V. Ex.ª me haverá por ahi forçado, desde já lavo as minhas mãos.

Ninguem respeita mais do que eu o sexo, a idade de V. Ex.ª, e o seu estado de viuvez; mas ha uma coisa, que eu aprecio ainda mais do que todas essas, é o meu bom nome nas coisas, em que sinto, e se póde provar, que o não desmereço.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Muito attento venerador

Lisboa, Palacio do Sarmento, 26 de Setembro de 1852.

A. F. de Castilho.

DOCUMENTO VIII.

Resposta á carta precedente.

Sr. Em resposta á carta, que V. me fez a honra de me escrever em data de 26 do corrente, tenho a de responder a V. o seguinte, esperando das suas luzes, e bem conhecida descripção, que V. me fará sobre este objecto a justiça, que mereço.

Quando por parte de V. me foi entregue o requerimento, em que me pedia, que houvesse de contemplar as escolas gratuitas, por V. fundadas, com alguma quantia tirada da somma das esmolas, que meu defuncto Marido (que Deus tenha em sua gloria) deixára para obras pias; como não me foi possivel receber pessoalmente a V. nem acceitar da sua mão a mencionada petição, encarreguei pessoa da minha confiança de dizer a V. que em devido tempo daria a conveniente resposta ao contheudo naquelle papel, e que muito estimaria estar no caso de mostrar o apreço, que fazia do zêlo por V. manifestado em favor da instrucção dos meninos, e adultos necessitados. Consultei, depois, pessoas da maior probidade, e as mais competentes para me esclarecerem sobre assumpto tão grave, as quaes me segurárão, que com quanto a obra por V. promovida, com tanto ardor e desinteresse, fosse de grande utilidade, e importancia, com tudo na commum accepção juridica, não podia ser qualificada strictamente *pia*. Concluiram, que por consequencia não estava no caso de lhe aproveitar a disposição benefica do Testador.

Esta é por tanto a resposta definitiva, que eu tinha que dar ácerca da supplica contida no requerimento, e que fica ser-

vindo tambem de resposta á citada carta de V. julgando eu inutil qualquer outra declaração; e ficando V. auctorisado a fazer destas poucas linhas o uso, que lhe parecer acertado.

Por ultimo é do meu dever agradecer a V. o publico testimunho de estima, que se servio dar á memoria de meu chorado Esposo, assistindo com parte dos meninos da sua escóla as suas exequias.

Tenho a honra de ser com a maior consideração, e respeito.

De V.
muito attenta veneradora.

Rua de S. Domingos, 30
de Setembro de 1852.

D. Margarida Freire.

Notemos de passagem que a Ex.ma Viuva tinha esquecido, ou não chegara a comprehender a natureza do pedido; aliás bem explicito no requerimento; e, de passagem tambem, observemos o que são muitas vezes os aconselhadores. A igreja ensina, que as obras de misericordia são quatorze; sete corporaes e sete espirituaes. Os doutores da Lei consultados, ouvidos, e obedecidos por S. Ex.a simplificaram-n'as, supprimindo as espirituaes; segundo elles dar pão a famintos, tratamento a enfermos, e vestido a nús, completa a caridade; o homem material é tudo; o espirito, e o coração, que palpita sob a dependencia do espirito, pouco importam, ou nada. Que é a livraria em comparação da cusinha! Que escolas teem os atractivos da casa de pasto! Pharizeus! Pharizeus! se lesseis o Evangelho, verieis que o não entendia assim o Divino Mestre! Jesus praticou alguma vez cada uma das outras obras de misericordia; mas as espirituaes constantemente; desde o presepio até á cruz, exerceu incançavel o magisterio. Ensinar os ignorantes é ao mesmo tempo dar o bom conselho, e consolar os tristes. ¿E depois, senão entendem senão o mundo fisico, não veem ao menos estes Scribas, que no instruir o povo se proporciona o comer a quem tem fome, o beber a quem tem sede, o vestido aos nús, a visita e o allivio aos enfermos encarcerados, a poisada aos peregrinos, e a redempção aos captivos? enterrar os mortos é tambem muito; mas prolongar e melhorar por todos estes modos a existencia aos vivos, é ainda muito mais. Não é de hoje que eu assim entendo o Christianismo. Ha 11 annos que eu escrevia n'este mesmo sentido na minha Revista Universal Lisbonense; transcreverei, por que emfim a materia é de grandes

applicações, o que eu alli dizia a 1 de Dezembro de 1842 a proposito do grande Bispo do Algarve:

«A 15 de dezembro de 1816 perdeu este reino um dos filhos seus, que mais o illustraram, — esse foi D. Francisco Gomes de Avellar, nascido em humilde berço, mas por suas virtudes e sciencia, arribado ás maiores honras da egreja e da republica. O Algarve, cujo foi bispo, governador e capitão general, conserva inteira, para seculos, a memoria dos beneficios, que lhe deve de todo o genero, os quaes foram tantos e tamanhos, que o relatal-os cançariam a penna mais activa. — Muitos espiritos admiraveis parece haver a Providencia reunido e fundido n'um só para o formar. — Foi varão ao mesmo tempo, todo do céu, e todo da terra, ou antes foi homem verdadeiramente de Deus, que trabalhando incançavel na vinha evangélica, a fez fructificar para o céu e para a terra, e no caminho para a bemaventurança folgou de plantar boas arvores para abrigo, regalo e mantença dos peregrinos.»

«Ao mesmo passo, que todas as coisas da egreja trazia desveladas e a ponto, o clero allumiado, honesto e sollicito, o povo edificado e com bons costumes, abria estradas e fontes, encaminhava e aperfeiçoava rios, impunha-lhes pontes, expurgava de cadaveres os templos, aparelhando cemiterios e amansando para aquillo as repugnancias de um costume inveterado; alargava e aformosentava praças; *erigia e sustentava escólas para as disciplinas sagradas e profanas*; alimentava as viuvas e orphãos, promovia com dotes os casamentos e bons costumes; com recolhimentos a boa creação, com exhortações, com o ensino e com despezas a dilatação e aperfeiçoamento da agricultura; n'isto se parecia o seu báculo com o de Arão, que no deserto encaminhava para a terra de Chanaan, no Egypto tragava e consumia serpentes, e de mais, aonde fosse mister, se coparia de folhas e carregaria de fructos.»

«Deixamos aos escriptores da historia ecelesiastica o laborioso encargo de tecer a sua multíplice corôa — n'este logar estremaremos do pastor, do civilisador, do architecto, do ingenheiro, do militar e do politico, unicamente o lavrador — de tantos homens, que era D. Francisco, o amigo dos homens do campo. — Das culturas de que hoje se gosa o Algarve, varias e não poucas foram por elle introduzidas, mettendo para a obra quantos instrumentos achou á mão. A batata, que é o pão que a natureza mais faz abundar nos annos, que mais escacêam de trigo, derramou-a elle, mandando pelos parochos aos lavrado-

res, com uma circular admiravelmente persuasiva, as sementes e instrucções necessarias para o seu trato. Para o bom preparo dos figos, que são a principal sustancia da provincia, escreveu uma pastoral; — para o enxêrto da oliveira em zambugeiro, não se contentou de imprimir excellentes intrucções, e mandal-as espalhar por todas as casas rusticas, senão que sollicitou e alcançou do governo, que os rusticissimos donos d'ellas fossem obrigados a receber o beneficio e enriquecer-se contra vontade. »

Foi justiça fazer esta digressão; ha utilidade em não a riscar depois de feita.

Outra interrogação propriissima daquelle macho de más manhas: « Disse já alguem que tendo falhado estes fins e este « legado, o mesmo Sr. Castilho usou do estratagema de fingir « que se despedia de Portugal por achar diminuta a pensão, que « já disfructava de 400$000 réis por ser um bom poeta, a ver « se o Governo lhe augmentava essa pensão? » E ainda alguem lamentará se tosqueando este camelo a thesoira lhe levar algumas onças de carne? Que idéa dá da sua moralidade um abortinho d'estes, dando entrada no espirito a similhantes supposições, e do espirito dando-lhes sahida pela imprensa para o meio da cidade? E's sublime de asquerosidade, meu homem sem nome; se envergasses uma farda de lacaio deshonra-la-hias; chamarte cão, fora affrontar ao benevolo quadrupede. Tenham lá contractos com um especulador, com uma alma doble e immunda d'aquelle feitio!

O meu projecto de partida para o Brazil foi tão assentado, como o fora ha annos o da minha sahida para S. Miguel, que se realisou; as razões em que o fundava são publicas. Se esta toupeira damnada, que anda a procurar raizes para as morder e empeçonhar, fosse coisa que se parecesse com homem, dir-lhe-hia, como unica resposta, que lesse as quatro seguintes cartas, cujas tres primeiras já se achavam publicadas, quando o malcim de consciencias veiu a lume com a sua interrogação de villanaz.

DOCUMENTO IX.

Carta á Revolução de Septembro, impressa naquelle jornal no dia 20 de Abril d'este anno

« *Sr. Redactor.* — Se dos grandes negocios, que vos desvellam, póde restar na vossa folha algum espaço, concedei-m'o

para um acto publico de gratidão, para explicações justificativas. Pena é que seja eu proprio o forçado assumpto da minha carta. Assim como sempre folguei de fallar dos outros em bem, sempre de mim, por me conhecer e ter-me em pequena e devida conta, ou tenho sido censor, no que me parecia merecel-o, ou testimunha callada, onde a consciencia me dizia que andava caminho bom para fim louvavel. Assim fui e assim convinha que fosse; que no contrario ha torpeza, e vergonha, que se não perdoa facilmente.

Hoje porém, contemplando, não tanto o fructo das minhas lidas nestes ultimos annos, como o apreço com que sabios e ignorantes, poderosos e humildes, homens e mulheres, velhos e creanças, e já tambem posso accrescentar, patricios e estrangeiros, m'os teem recebido, a modestia, que me fizesse calar por mais tempo, já poderia ser taxada de feio orgulho, e de desagradecimento, que ainda me parece maior peccado.

E' pois fóra de toda a duvida que o methodo facil e deleitoso de ensinar a ler e escrever, em cuja creação, aperfeiçoamento, e difusão, tenho empregado estes annos ultimos, está geralmente reconhecido como um bem publico; e é não menos evidente que este bem, a muitos outros, e a todos os imaginaveis, ha de abrir porta franca, apenas os legisladores derem uma lei de premios para os auctores das obras necessarias e uteis, que ainda faltam; e outra lei, que facilite o publicaremse e venderem-se por preço infimo, para que até a plebe as compre, as leia, se instrua, e se melhore. Estas duas leis são de todas, em meu humilde entender, as mais necessarias e urgentes.

Sem que as haja, e mui lealmente cumpridas, não só o ensino das primeiras letras é uma cousa quasi vã, senão que por isso mesmo teem de acabar logo que o methodo aprasivel do ensino, houver perdido o chamariz da novidade. Já lembrei e pedi isto na prefação do meu livro das *Estreias*; já o suppliquei no prologo da segunda edição do meu *Methodo*; e torno aqui a suscital-o, por saber quanto a vossa folha é lida e apreciada. Quando se pede esmola para tamanho necessitado, como é o povo, é preciso multiplicar o pregão, il-o alteando de rua em rua, de porta em porta, de minuto em minuto.

Uma Lei de premios; uma Lei de publicação; uma lei nova de escólas primarias; e teremos um principio serio e infallivel de progresso; porque sem instrucção, nem costumes são possiveis, nem religião que o seja, nem respeito mutuo, nem acatamento ás leis e ás auctoridades; nem agricultura, nem

industria, nem haveres, nem saude, nem esperanças, nem paz, que não seja fortuita; nem permanencia alguma no estado.

Lancei-me nesta digressão, porque tenho fé no patriotismo e humanidade do parlamento e ministerio. Recolho-me ao meu primeiro assumpto.

Se o prazo mais verde da minha vida fôra todo desbaratado em cultivar e ajudar outros, a que tambem cultivassem as letras amenas, e em particular a poesia, genero esse de occupação inteiramente perdido para a fortuna, os cinco ultimos annos, que empreguei quasi exclusivamente, segundo é sabido e provado. em facilitar, promover, e tornar atrativa a instrucção util, foram para mim não só estereis, como toda a larga quadra precedente, que ao menos era florida, mas, espinhosos tambem; e, sobre espinhosos, consumidores de forças physicas, e de haveres.

Tinha publicado n'estes cinco annos o *Methodo de Leitura e Escripta*, as *Noções Rudimentaes para uso das escólas*, a *Felicidade pela Agricultura*, o *Estudo Historico-Poetico, Camões*, seguido de uma serie de propostas uteis: tinha fundado em S. Miguel uma sociedade; que, graças ao zelo daquelles optimos insulanos, faz prodigios; tinha alimentado a expensas minhas; e. sem folga nem respiro por espaço de tres mezes, uma escóla gratuita de ler e escrever; tinha visto nascer della mais de um cento de outras, tambem gratuitas; que hoje estão desbravando as nossas populações; tinha pelo decurso de oito mezes forcejado por excitar, pelo contacto da musica, e pelo mercado moral dos applausos de uma sociedade numerosa e escolhida, o engenho poetico tão espontaneo e nativo, tão descultivado e esquecido hoje em nosso paiz. Para tudo isto tinha feito sacrificios graves de tempo, de poesia, e litteratura, que podera ter escripto, de saude, de tranquillidade, pois não ha obra boa sem glosadores e estorvadores; e até finalmente de cabedal. A bolsa, que fôra sempre tenue; a bolsa, não tanto minha, como da familia; achava-se exausta; era tempo de parar e reflectir sisudamente. Tinha dado ao meu Portugal mais do que podia: tinha sim colhido muitas benções, muitos louvores, muitos e bellos panegyricos de poetas; hymnos de excellentes musicos; applausos de sabios e de uma generosa minoria da imprensa periodica, e muitos bons abraços dos rotinhos das ruas e praças; como contra prova em fim da profiquidade dos meus trabalhos, tinha a malevolencia dos maus e dos obscurantes por systema. Tinha tudo quanto uma alma ambiciosa poderia cubiçar; tinha o que muitos engenhos, dez ve-

zes, cem vezes superiores ao meu, nunca talvez lograram em sua vida; mas não tinha a subsistencia para o dia seguinte. Apoz tanto cuidar nos filhos dos outros, eram horas de me lembrar tambem dos meus. Cinco menores, com disposições talvez felizes, mas apenas em começo de educação! Por outra parte 53 annos de idade já cançada de estudar, de escrever, de lidas, de desgostos e de mingoas! Entre estas duas coisas graves, nem um palmo de terra para testamento, nem uma moeda de cobre de reserva! Era mais que bastante, era sobejo para determinações extremas. Cumpridos, o melhor que eu pudéra, os meus deveres de filho para com a patria, restava-me cumprir, o melhor que pudesse tambem, os meus não menos sacrosantos deveres de paternidade, e forcejar por adquirir, nos poucos annos que ainda podesse ter, com que expirar tranquillo por deixar junto e seguro, com que os herdeiros do meu nome se acabassem de fazer homens.

Portugal, onde a vida litteraria é, por ora, de todos os baldios o mais esteril; o meu Portugal, o nosso Portugal não me apresentava a minima probabilidade, nem possibilidade, sequer, para a realisação desta minha santa e já tardia avaresa. Occorreu-me, não podia deixar de me occorrer, o paiz, que ainda ha pouco era tambem Portugal; o imperio grande; onde todos temos parentes; onde os appellidos são os das nossas familias; onde se falla, se lê e se escreve a nossa lingua; onde o throno é irmão do nosso throno; onde o chefe do estado, filho de D. Pedro Grande, e D. Pedro Grande, elle mesmo, ama, cultiva e honra as letras, e semeia n'um presente grandioso um futuro incalculavel. Só alli é que eu podia aspirar a converter em facto a minha utopia domestica, sem ao mesmo tempo renunciar a outra de servir aos maximos interesses da familia humana. Com o coração a apertar-se-me no peito requeri a licença para a partida, e annunciei-a logo aos que sabia meus amigos.

Se em cousas minhas particulares, sr. redactor, eu me dilato tão desmesuradamente, com manifesto perigo de parecer vaidoso, é porque tremo de que alguem por me não conhecer assás, interprete como desamor e ingratidão para com a terra natal, o que não era senão uma fatal, uma irresistivel necessidade. Não me ia naturalisar brasileiro, (aos cincoenta e tres annos póde-se morrer, mas não se nasce) ia porém, confesso, procurar patria para meus filhos, cujos interesses eu não podia, sem uma especie de infantecidio atroz, sacrificar a pundonores meus de nacionalidade; ia offerece-los servidores a

um principe, que aprecia e aproveita todos os bons desejos; a um soberano de cuja amisade eu trazia sobre o peito a demonstração, e no fundo d'alma o agradecimento.

Tudo estava prompto para a partida, quando successos inesperados, quasi á hora de levantar ferro, me vieram prender.

As magoadas e deliciosas poesias de adeus de mais de vinte poetas de Lisboa, e de outras partes do reino; as saudades, altamente manifestadas, de innumeraveis amigos, que eu não conhecia, eram sobejas para me eu desfazer de dôr, e entretanto não bastavam para me decidirem ao impossivel moral de desamparar, de trair a causa de meus filhos; mas por entre esses testemunhos de benevolencia não tardaram a apparecer outros de mais alta significação, quanto á fortuna; foram os generosos affectos do Paço Portuguez; dos representantes de Portugal no parlamento; e dos ministros do governo da minha patria. SS. MM. e S. A. R., a quem eu dedicara as minhas duas ultimas producções, dignam-se de me enviar, com joias ricas, expressões mil vezes mais valiosas. Na camara dos senhores deputados, o sr. commendador Tavares, coração dos mais humanitarios, e um dos mais illustrados e sinceros amigos dos melhoramentos do povo, requer se removam pelo governo, as causas que me constrangem a sahir do paiz. O sr. Passos Manoel assigna o mesmo requerimento. O sr. Coelho de Magalhães, o Sr. Avila, o sr. Cunha Sotto-Maior, e o sr. Silva Sanches, todos por diversos modos se mostram empenhados em que eu não perca o meu torrão natal. O sr. ministro da fazenda declara, que iguaes aos desejos da camara são as intenções de todo o ministerio.

Depois de tão excessivos e solemnes testimunhos de interesse, que menos poderia eu fazer, sr. redactor, do que renunciar todas as miragens de fortuna em terra alheia, e redobrado ca dentro o amor de tão boa patria, reconsagrar-me ao seu serviço no tocante á instrucção publica, para a qual o meu gosto, os meus estudos, o costume, e sobre tudo os filhos, me teem dado certa aptidão, á que muito impropriamente se daria o nome de engenho ou de talento; mas que, seja o que for, por isso mesmo que vai acompanhado de uma vontade que não cança nem esmorece, algumas vantagens póde produzir.

Franco e sincero nisto, como em todas as coisas me prezo de o ser, eis aqui sr. redactor, o estado deste negocio, pequeno para o paiz, mas grandissimo para mim. Se a munificencia nacional me faculta o viver aqui sem os vís cuidados do

amanhã, que desmoralisam e matam o hoje, e sem as atrozes incertezas do que será a creação e a educação dos filhos, logo que eu houver cessado de trabalhar e de viver, continuarei espontaneamente por gosto e por habito, o que por habito, por gosto, e espontaneamente, ando fazendo ha tantos annos. Se a minha estrella prevalecesse contra as optimas tenções dos poderes legislativo e executivo, e, obtendo embora para mim, eu não obtivesse o indispensavel para aquelles, que na minha estimação são mais do que eu proprio, e por quem a natureza e a religião me dizem que me sacrifique, então, cheio ainda de gratidão, que já me não ha de sair do peito, e devorado de saudades, iria acolher-me á sombra do meu Poeta coroado, d'esse Homem, por quem voto, que, ainda que eu fique na patria e nella me hajam ao cabo de enterrar, não hei de morrer sem ter ido uma vez visital-O, admiral-O de perto nos seus milagres de governante, e agradecer-Lhe mercês tão generosas como as com que me Honrou, estrangeiro desconhecido, e inutil para os seus povos.

Se vos escrevi demasiado, sr. redactor, queixai-vos, como eu, dos ociosos malignos. Senão foram elles, podera ter-me limitado em agradecer ao Paço, ao ministerio, ao parlamento, a alguns jornaes, e aos meus amigos em geral; mas como ha os falsificadores de intenções, que tudo interpretam, tudo tingem, tudo trocam, necessitei mostrar bem claramente, que o movel unico de tudo quanto neste negocio tenho feito, como de tudo quanto nelle fizer ou deixar de fazer, foi e ha de ser, não ambição vaidosa, não desapego da patria, que já experimentei o que dóe a sua auzencia; sim, o dezejo de cumprir de todos os deveres o mais imperioso e o mais suave, o de segurar a existencia d'aquelles a quem a dei.

Lisboa 13 de Abril
de 1853.

Antonio Feliciano de Castilho.

DOCUMENTO X.

Carta da Associação industrial Portuense a Antonio Feliciano Castilho.

Sr. Encarregado pelos nossos socios, e meus collegas na direcção da *Associação Industrial Portuense*, de ser perante v... o orgão dos sentimentos que os animam para com a pessoa de

v..., e que a triste perspectiva de uma proxima separação mais exalta e exacerba, eu vou, do melhor modo que me é possivel, cumprir essa missão para mim ao mesmo tempo grata e dolorosa; grata pela honra que de tal escolha me resulta, e dolorosa pelos motivos que nos obrigam a dar este passo.

A resolução tomada por v..., de se ausentar do seu e nosso paiz, posto que tão plena como infelizmente justificada, não póde deixar de ser, para todos os que presam a gloria da sua patria, uma origem de profunda magoa, ao ver assim, quasi impellido pela ingratidão de seus conterraneos, desapparecer dentre nós, para ir brilhar n'outro hemispherio, mais um dos poucos fachos de pura e clara luz que allumiam o nosso horisonte social; ao ver assim lançar no já volumoso livro de nossas miserias historicas, mas um traço negro de vergonha eterna, e tão indelevel como o que ali cobre o nome do principe dos nossos poetas. Essa magoa porém, sr. dr. Castilho, ninguem d'entre todos os Portuguezes a soffre tão intensa como nós, os membros da *Associação Industrial Portuense*: querer explicar o porque, seria o mesmo que pretender justificar a saudade que punge o discipulo, o amigo, o irmão e o filho na despedida do mestre, do amigo, do irmão e do pai; perguntar porque desde já nos afflige a lembrança da ausencia de v..., seria o mesmo que perguntar porque razão uma nova egreja — a da religião do trabalho — animada de enthusiasmo e de fé viva, se cobre de luto ao ver que arrancam de seu seio um dos mais fervorosos, dos mais ardentes, dos mais sublimes de seus apostolos; porque de todas estas allianças participa a alliança entre Castilho e a *Associação Industrial Portuense.*

E' uma alliança esta ao mesmo tempo social, philosofica e religiosa; uma alliança de corações, de intelligencias e de vontades; mas alliança, cuja maxima gloria, cujas maximas vantagens, são para esta Associação: por isso nós todos olhamos como uma verdadeira calamidade a separação que nos ameaça; por isso nós todos temos o maior empenho em evitar essa calamidade. Tal é ha muito tempo o assumpto quasi exclusivo de nossas conversações, o problema que mais interesse temos em resolver: mas entre muitas soluções propostas, faz-nos hesitar na escolha o respeito que temos pela pessoa de v..., e o receio de faltar em algum ponto á escrupulosa delicadeza que esse respeito nos aconselha. Até que finalmente, como unico meio de sairmos destas difficuldades, nos resolvemos a dirigirmo-nos francamente a v..., patenteando-lhe estes nossos sentimentos, e rogando-lhe se digne, com a mesma franqueza, in-

dicar-nos os serviços que nesta conjunctura poderemos prestar-lhe; na certeza de que, para conseguir este nosso tão desejado fim, não ha sacrificio a que não estejamos dispostos, pois esses sacrificios, quaesquer que sejam, serão para nós, quando coroados de bom exito, outros tantos motivos de jubilo. Queira pois v..., dispôr do nosso prestimo, e da nossa inteira dedicação, não como quem recebe um favor; mas como quem concede uma graça: pois como graça e favor da fortuna teremos sempre, toda a occasião que se nos offereça, de traduzirmos em factos o que agora mal exprimimos em palavras.

Por mim, e como representante dos meus collegas e nossos socios, tenho a honra de assignar-me

De v...
O mais constante e sincero admirador

Porto, 16 de Julho
de 1853.

Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães.
Presidente.

DOCUMENTO XI.

Resposta á carta precedente.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Por mão do nosso benemerito e verdadeiramente portuguez, o sr. Damasio, recebi em tempo proprio a carta com que v. ex.^{a} me honrou, em data de 16 de julho proximo passado; era ella tão obsequiosa e delicada, que não só devia ser para logo respondida, mas foi até o meu primeiro impulso ir eu proprio e presencialmente agradecel-a. Sendo porém todo o assumpto daquelle generoso papel um negocio, por então, mui perplexo, muito enleado de duvidas, mas que não devia tardar em se esclarecer de alguma sorte, pareceu-me que v. ex.^{a} e os nossos bons consocios me relevariam de toda a imputação de incivil e desagradecido, se eu aguardasse para responder a occasião, não remota, de o fazer opportunamente. Essa occasião, esperada de muito, chegou emfim.

O interesse, o fraternal interesse que a nossa *Associação Industrial* se digna tomar na minha sorte, levou-a a dar um exemplo, que ha de ser para sempre lembrado com respeitoso affecto pelos homens d'alma, citado pelos portuguezes de bem aos filhos, para os concitarem a servir a patria.

A lei, para mim honrosissima, de 18 de agosto deste anno, proporcionou-me o viver e trabalhar na nossa terra; metade das minhas precisões essenciaes ficou preenchida; servirei a publica instrucção com todo o meu tempo, e ainda com a parte que eu puder dispensar dos haveres, que o munificencia nacional e real me concedeu. Ficou porém, e está ainda por satisfazer a outra metade, que para mim não é menos imperiosa, a certeza da educação de meus filhos, para quando eu chegue a fallecer-lhes.

O que taes cuidados pezam e devoram na alma de todo o homem, que a tem, e se preza de o ser, seria affronta ao coração de v. ex.ª e ao dos nossos consocios, pretender eu aqui desenvolvel-o; são o primeiro pensamento do accordar, e o ultimo ao adormecer; são o sonho de todas as noites; o escuro de todos os dias; a interrupção de todos os trabalhos; o espinho venenoso de todos os prazeres. Dar a vida, e não poder segurar a vida, que se déra, contrista quasi, como um remorso. Redobram-se os terrores da agonia, quando, nessa hora solemne, se pensa, que dentro em pouco se jazerá morto, nullo para produzir, para abraçar, para proteger, e se continuará redivivo, multiplicado sobre a terra, com o mesmo nome, com o mesmo sangue, com as mesmas tradições, talvez com os mesmos affectos, e com a mesma indole; mas já sem guia e ainda sem amigos; saudoso d'um passado, que não volverá, anhelando futuros, que poderão não chegar nunca, invocando tacitamente a Providencia do céu, e não vendo em redor senão o egoismo dos homens.

Estão ainda longe, se porventura tem de chegar, as eras de todo o tempo invocadas pelos raros amigos da humanidade; as eras do mutuo amor, em que a sociedadade humana deve compôr uma familia, em que o facto de nascer, dê, só por si, direito insophismavel e seguro á instrucção e educação, ao trabalho e ao sustento; em que o habilitar-se um individuo para servir á communidade, segundo a sua organisação e vocação, corra por conta da mesma communidade, e não seja dever, nem mesmo direito do chefe de familia, que póde não cumprir ou cumprir mal essas obrigações.

O desenvolvimento completo, a collocação e estabelecimento de cada um, ha de ser encargo de todos, assim como se ha de ministrar, á custa de todos, gratuitamente a cada um, o culto, a medicina, a justiça, o enterro, e aos merecedores de honras posthumas, as honras posthumas. Mas, essas eras, repito, com quanto já venham indecisamente alvorecendo nos es-

piritos elevados, não tem de se fazer dia para todos, sem que o mundo avance muito mais do occidente para o oriente.

Hoje podem talvez justificar-se no tribunal da razão aquelles economistas politicos, impassiveis, como o destino, que inexoravelmente condemnam o pobre ao celibato e á esterilidade; porque hoje a lei de Deus e do amor, imposta ao homem, como a todos os entes vivos, convenções humanas, consagradas pelo uso, a trazem mais de meio derogada. Hoje o ter filhos pode ser uma deshonra, e é muitas vezes a maior das calamidades, como nos tempos primitivos fôra desconsolo e opprobrio não os ter.

Nós outros, os operarios, quer affeiçoemos o ferro, a pedra, ou o lenho, quer a idéa, o affecto, ou a phrase; artifices do mundo exterior, ou artifices do mundo intimo, madrugamos para o salario, se temos a ventura de o encontrar, e adormecemos, depois de o termos visto consumido até o ultimo ceitil pelas necessidades da familia. Em testamento nada mais deixamos, que o nome, algum bom exemplo, e algumas lagrimas inuteis, por aquelles, que nol-as hão de dar tambem.

Victor Hugo, o summo lyrico da philosofia, disse: que, no meio do estrondoso progresso do mundo moderno, uma coisa o aterrava secretamente; e era: o sentir, como o ecco da voz de Jesus se ia enfraquecendo.

Assim parece á primeira vista; mas, consolemo-nos, olhando mais para o fundo. Não: não teve rasão o grande homem. Nunca o amor fraternal, prégado pelo evangelho, foi mais real e positivo, que nesta edade. O nome de caridade é, talvez, menos frequente; mas, sob o disfarce de philantropia, a caridade, espirito e essencia do christianismo, vae, modesta e calladamente, semeando as suas maravilhas. Já se ousa aspirar com todos os votos á paz universal: visitam-se entre si as nações, como familias; ajudam-se, como visinhas; dentro em cada paiz as jerarchias e classes distam menos, do que distaram; a opulencia enfeita-se, perfuma-se, illumina as suas sallas, e dança para acudir á penuria, para consolar as victimas de uma calamidade, para estender hoje a mão aos vencidos de hontem.

Mas, por entre estes adoçamentos, contemporaneos, que são incontestaveis, é na classe menos abastada, que o espirito da caridade christã corre mais vivificador. Ver como entre si se associam os operarios para o trabalho, e para a falta de trabalho; para os soccorros na doença: para os confortos na viuvez: para a creação dos orfãos; para as importantes lições, e exemplos de todo o genero. Sempre assim foi. Mãos, que

mais depressa se abram, as que menos tem; corações mais compassivos, os que mais padeceram. Mas, se é christão e se é humano o incorporarem-se, como nascidos da mesma tribu, os que professam o mesmo mister fabril, ou os misteres de natureza analoga, mais christão, mais humano, e mais nobre é ainda o congregarem-se os cultores de todas as artes manuaes em vasta confederação, sem distincções perigosas, sem repugnantes e mal fundadas precedencias. E' isso, que fez em S. Miguel a *Sociedade dos Amigos das Letras e Artes*, em Lisboa o *Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas*; e o que, em tão ampla escala, pratica na cidade eterna a *Associação Industrial Portuense.*

Não é tudo; intendeu-se, que as extremas divisorias entre a sciencia e a arte, entre os applicados á especulação e os applicados ao facto, entre os fabricantes para os gosos da intelligencia, e os fabricantes para os gosos dos sentidos, eram raias ainda mais ficticias e arbitrarias, que as fronteiras geograficas das nações; — que entre os homens uteis pela producção, não havia senado e plebe; — que as sciencias eram uma sciencia; as artes e os misteres, um corollario della; — que em toda a parte estava alma, como em todas as almas estava Deos. O mathematico, o physico, o chimico, o mechanico theorico, o engenheiro, o naturalista, o medico, o publicista, o jurisconsulto, o musico, o estatuario, o pintor, o theologo, o moralista, o poeta, o historiador, o economista, o methodologista, foram recebidos indistinctamente no gremio de seus irmãos officinaes. Estes, não tiveram o orgulho da pobreza desmerecida, e das mãos callejadas para os repulsarem; aquelles, comprehenderam, que, no coadjuval-os, lhes não faziam mercê; mas começavam a pagar uma divida antiga, e a contribuir para os futuros, segundo os designios da Providencia.

Foi assim, que, levando-me em conta os bons desejos, a *Associação Industrial Portuense* me abriu as suas portas, a mim, que não trazia do passado, senão algumas flôres de poesia, e uma harpa encordoada de novo para os canticos do trabalho e da esperança; a mim, que não tinha no presente, senão a carta, que Deus me permittira achar, da alforria da puericia, e o roteiro da instrucção do povo; uma idéa, um programma, e nada mais; uma idéa e um programma, que, para virem a ser alguma coisa positiva, dependiam dos esforços de muitos e de todos.

Não parastes nisto; tomastes a vós, com o serio ousar, que vos caracterisa, um quinhão largo na minha tarefa, como

outras associações tomaram o seu, como o tomou o exercito e parte da egreja, as authoridades municipaes e administrativas, o parlamento e o governo. Passastes adiante com a vossa magnanimidade Portugueza e Portuense; offerecestes-me, e com todos os melindres do mais extremoso affecto, a vossa bolsa, o producto das vossas fadigas e parte da mesa da vossa prole; para que eu não perdesse a terra, que tanto amava; e podesse continuar a servil-a, como vós, até á ultima hora. Optimamente! admiravelmente, meus irmãos! Da alma vos dou os agradecimentos; mas, não menos da alma, vos dou os parabens.

Não podendo de outra sorte corresponder a tamanha benevolencia; recusando da vossa offerta, o que já hoje me seria superfluo, lego-vos; todavia, a futura creação e educação de meus filhos, até o seu estabelecimento, no caso, em que a vida, já cansada, e a fortuna, sempre incerta, e quasi sempre commigo malavinda, m'os deixem orfãos neste mundo. Pedindo-vos para elles, faço mais, e mostro-vos mais claramente a alta conta, em que vos tenho, do que se aceitasse para mim proprio. Se me devesseis muito, de tudo ficarieis quites, perfilhando-m'os; mas, perfilhando-m'os, quando sou eu mesmo para comvosco o devedor, haver-me-heis obrigado, quanto nunca homens obrigaram a nenhum homem.

Perdoae-me a extensão desta carta. A admiração e a gratidão, quando chegam ao enthusiasmo, são sempre diffusas.

De todo o coração vos abraça o

Vosso respeitador, consocio e amigo obrigadissimo,

Lisboa, 18 de Outubro de 1853.

A. F. de Castilho.

Pela confrontação das datas, se reconhece que a pessa que segue, foi anterior ás duas que se acabam de ler. Intendi dever reserval-a para ultimo logar, não só por inedita, senão, porque este me pareceu no presente caso, o mais honroso.

DOCUMENTO XII.

Carta á S. M. I. o Senhor D. Pedro II do Brazil.

Já poetas escreveram a Reis e Imperadores; mas eram esses poetas muito maiores que eu, e esses Soberanos muito

menores, e menos sabios que Vossa Magestade Imperial. Eis o que até hoje me acovardou para o cumprimento d'um dever santo de gratidão, e d'um acto, ao mesmo tempo de satisfação, e de gloria para mim. Devia eu á Munificencia de Vossa Magestade Imperial, o possuir do Seu Proprio Punho, o Seu Augusto Nome, e o adornar o peito com a rosa, d'amor e fidelidade, plantada no maior dos Imperios para premio de merito, e simbolo d'amor, por um dos maiores Principes da historia, para uma das mais memorandas Princezas dos nossos tempos. Tão subidas mercês eram estas, Senhor, para o meu coração, que toda a poesia se me figurava pouca para as agradecer. Tentei por muitas vezes; esmoreci, desanimado de conseguir versos dignos dos olhos d'um Poeta como Vossa Magestade Imperial, e proporcionados ao que me fervia dentro.

A final, disse-me a mim mesmo: que o affecto, com que um Pedro Grande do sul me favorecia, não era com poemas, que se poderia jámais agradecer, mas sim com uma dedicação pessoal, positiva, e serviços reaes em ponto do seu maximo empenho, como é a publica instrucção. Desde logo, Senhor, concebi o projecto de me trasladar com minha familia para o feliz Imperio e optima sombra do throno de Vossa Magestade Imperial; para offerecer meus filhos ao Seu Glorioso Serviço, e solicitar para mim a honra incomparavel de obedecer ao ardente e perpetuo desejo de Vossa Magestade Imperial, com a diffusão dos estudos primarios, pelos methodos faceis e aprasiveis, que tive a fortuna de crear, e de ver maravilhosamente propagados por todo este reino, e carregados por toda a parte de opulentos fructos. A segunda edição do meu *Methodo de Leitura e Escripta*, que eu tenho a honra de enviar hoje, para ser posta aos pés de Vossa Magestade Imperial, se Vossa Magestade Imperial lhe lançar os olhos, ha-de mostrar-Lhe, que a minha premeditada offerta de trabalhar ahi, como aqui o tenho feito, no arroteamento intellectual do povo até á plebe intima, não era vã. Não ia levar aos florentes estados de Vossa Magestade Imperial, obras de talento; e muito menos creações de genio; mas ia, sem nenhuma duvida, juntar mais um obreiro, crente e infatigavel, aos muitos que a alma de Vossa Magestade está animando nos trabalhos vastos e conplexos d'uma civilisação, cujos futuros desde já se antevêem incommensuraveis. Tudo estava prestes para a partida; já ás saudades da patria eu estava oppondo no intimo do peito, os amores d'uma patria nova para meus filhos; o navio, que me leva um irmão, e por elle esta respeitosa carta, ia levar-me

em fim; quando um acontecimento imprevisto, e de força irresistivel para uma alma de bem, me veio de novo prender na terra do nascimento.

Os meus esforços para a instrucção primaria, de que nasceram, em só meio anno, mais de cem escólas gratuitas, das quaes tòdos os dias estão pulullando escólas novas, tinham-me grangeado um certo affecto popular, que seria premio largo ainda para maiores fadigas; a abertura de cada aula era uma verdadeira festa para os da terra, e uma estrondosa ovação para mim; auctoridades administrativas, municipaes, ecclesiasticas, e militares, me felicitavam associando-se na minha empreza; o melhor da imprensa quotidiana fazia ecco a todas essas demonstrações tão lisongeiras; poetas, musicos, desenhadores, terme-iam perdido de vaidade, se me eu não conhecesse melhor do que elles todos; os pequeninos descalços me saudavam pelas ruas. Era muito, era inexplicavel, e quasi incrivel; mas não era ainda tudo: o Paço Real Portuguez, manifesta-me o seu agrado. Sua Magestade Fidelissima, Augusta Irmã de Vossa Magestade Imperial, visita, mais de uma vez, as novas aulas; ella mesma. Seu Augusto Esposo, e o Primogenito, o Principe Real, sobre Prendarem-me com ricas joias, me Dirigem expressões benevolas e animadoras. Por ultimo, o parlamento e o ministerio, constando-lhes a minha tenção, patenteiam, da maneira menos equivoca, e mais honrosa, o seu desejo de me conservarem na obra do paiz, e décidem estabelecer-me n'elle, solto e liberto dos mesquinhos, dos despoetisadores cuidados da subsistencia.

Se a estas promessas solemnes seguir o resultado, que tão provavel, parece hoje, a gratidão, além do patriotismo, me obriga a permanecer, e a guardar sepulchro onde recebi a primeira luz.

Entre tanto, Senhor, como nada impede o ir qualquer peregrino aos logares da sua devoção, ainda que eu haja de ficar a final n'este mundo velho, espero em Deus, que me não acabará a vida, sem ter ido uma vez beijar a Munificente Mão de Vossa Magestade Imperial, e soltar á sombra das palmas, sob esses ceus, mais ceus do que estes nossos, um canto de enthusiasmo a essa natureza magnifica, a esse Imperio digno d'essa natureza, e a Vossa Magestade, Principe Dignissimo d'elles ambos. Taes são pelo menos, Augustissimo Senhor, os meus desejos mais ardentes.

Por agora permitta-me Vossa Magestade Imperial mandar pôr nas Suas Augustas Mãos esse livro, que se enobreceu com.

o amado nome de Sua Magestade Fidelissima, e que eu, sonhador crente de grandes venturas para o povo, intitulei *Estreias Poetico-Musicaes para o anno de* 1853; assim como, por derradeiro, esses versos *Novo Anjo* por mim consagrados á sempre chorada perda da santa Irmã de Vossa Magestade Imperial, a Senhora D. Maria Amelia de Bragança Leuchtemberg.

Deus guarde por dilatados e prosperrimos annos, para esplendor d'esse Imperio, para amparo das sciencias e lettras, e para exemplar perpetuo de Imperantes, a Imperial Pessoa de Vossa Magestade.

De Vossa Magestade Imperial o mais profundo admirador, o mais devoto e agradecido servo

Lisboa, 12 de Abril
de 1853. *Antonio Feliciano de Castilho.*

Essa carta havia de ter ficado perpetuamente inedita por altas rasões de delicadeza, que os mal ensinados não comprehendem; mas forçou-me este paparrotão a publical-a. Agradeço-t'o ainda assim villão! poderia haver outros como tu! aqui lhes fica resposta mais que sufficiente.

Terceira interrogação do tomba-lobos.

« Oppoz-se algum Professor a que se lhe concedessem
« mais 700$000 rs. com auctoridade e plena liberdade de des-
« acreditar aquella classe? »

Esta nem menção deshonrosa nos merece.

Quarta interrogação do escalda-favaes:

« E disse já alguem que tal pensão era uma sinecura? »

A revolução civilisadora que te está impacientando, que te responda meu alarve.

Quinta pergunta do Nabuchodonozor, que chega a fazer gala de alardear a sua rudeza.

« Disse já alguem que a tal invenção da leitura repentina
« não passa de uma illusão de cego, d'uma utopia de poeta? »

Não, nunca ninguem o tinha dito. E' até uma d'aquellas que haviam de ficar eternamente por dizer, se não tivesse havido uma mulher, que empregasse tão mal as suas dôres, que dotasse o mundo com similhante paspalhão. A pagina 26 diz:
« Apenas um vogal da Junta do Districto de Santarem, de-
« clarou achar aquelle Methodo moroso; mas logo se summiu
« pelo chão abaixo, apenas aquelle Senhor lhe mostrou os seus
« documentos. »

Disse uma verdade o tonto. Mas para que é evocar do seu sepulchro a *Junta de Santarem?* E' como os chacaes este demonio, até defunctos atassalha.

A pagina 26 : « E que Turco ou Agá é este Sr. (Castilho) « que com a lança na esquerda, e o alfange na direita, diz a « todo o mundo, CRE, OU MORRE ? »

O' eloquente piegas, onde viste tu o alfange do Sr. Castilho? e quando lhe ouviste o *crê ou morre?* « Crê, crê no que é evidente, ou és tolo » isso diz elle muitas vezes, como o diz, como o dirá sempre quem não fôr mentecapto. A proposito de esta erudição boroeira do lapuz dos *éfes* e *érres*, quero-vos mostrar uma oitava anonyma, que hontem recebi pelo correio; é um acrostico, provavelmente obra do auctor do folheto, porque a natureza não havia de crear no mesmo seculo, e logo no mesmo ponto do globo, dois corpanzis de materialidade do mesmo feitio. Quem defende em 1853 o methodo-bruto, deve em poesia achar-se ainda na era dos acrosticos; a oitava é acrostica. Eil-a aqui :

Cumprimento vil de quem prometta.
Arvore que dá fructo nauseabundo.
Cobra com lingua venenosa setta.
Martello, que atordôa todo o mundo.
Pateta que quer mais que ser poetá.
Ledor do seu invento furibundo.
Turco, feroz Agá do crê, ou morre.
Arco, que com gaiatos gira e corre.

No fim da pagina 26, diz o homem das perguntas babócas :

« E que invenção é esta tão proficua á humanidade, que « não póde estabelecer-se senão á pancada é á custa do Orçamento ? »

O' Procurador officioso do diabo! O' mentireiro sem senso commum, em que parte de Portugal, ou das Ilhas adjacentes, ou do mundo, se deu ou se prometteu ainda uma só pancada, quer para introduzir o methodo, quer no ensino que por elle se tem liberalisado a tantos milhares de pessoas? E são os partidarios da palmatoria, do murro, do bofetão, do pontapé, dos puchões de orelhas, dos cabellos arrancados, dos narizes esmurrados, dos braços quebrados, das creanças estropiadas e besteficadas, são os Herodes tolerados, que ousam exprobar sevicias aos que não pregam, não praticam senão o amor; aos que se fazem pequenos com os pequeninos; aos que

ensinam brincando e cantando; aos que são na rua saudados, e abraçados pelos filhinhos descalços da plebe! Chove improperios! Desfaze-te em injurias, toleirão sem entranhas, orango-tango ensaiado em pedante! Arregala-me esse luzio, range-me essa dentuça quanto quizeres; a minha maior gloria não m'a tiras. A minha gloria maior (mas não a comprehendes tu) é quando innocentes instruidos pelo Methodo Portuguez, me veem offerecer com um discurso ingenuo, á face e por entre os applausos de muitos centenares de pessoas cultas, uma coroa de flores, e muitos beijos, como ainda ha tres dias se presenciou: A minha gloria summa, a que eu não trocára pela de Camões, pela de Byron, pela de Virgilio, pela de Homero, e nem por tódas essas quatro reunidas, a minha gloria maxima, ó pifio e indigesto original do *I grande*, é quando uma grinalda de loiros e flores naturaes me é appresentada por uma mulher de alto talento, que professa o methodo e o ennobrece professando-o; quando esta mulher declara, que é outra mulher, uma extremosa mãe, quem pelas suas mãos m'a offerta, em nome, e como representante de todas as mães portuguezas. Vai, meu Han-d'Islandia, vai pedir coroas taes a mães e a filhos, em recompensa do teu longo ornear de saudades pelo *esse-è-sé nagarrinhôr-senhor;* dize-lhes: « aqui estou eu, que sou ainda *lagalhé*, e n'esta fé vivo « e n'ella quero morrer; premiae-me. »

A risada que te ha-de responder, ha-de ser ouvida pela ursa do norte. Vê, traficante, vê, parodia viva e flagrante da immagem de Deus, vê, tenebrisador contumaz, sem vergonha nem medo, vê, se alguma ilha te offerece pelo teu *be-á-ba* uma medalha d'oiro, como a que eu trago sempre escondida sobre o peito, para que m'a não empalmem os que até instrucção procurariam, como tu, roubar ao povo se pudessem; vê, se algum CENTRO PROMOTOR DOS MELHORAMENTOS DAS CLASSES LABORIOSAS se lembra de te honrar com outra medalha d'oiro, como a mim; vê, se alguma agigantada ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE te offerece os seus corações, e os seus cofres, como a mim m'os offereceram; vê, se por cima de alguma aula collocam o teu retrato, como em tantas é collocado o meu; vê, se elevam em hymnos o teu nome, como já o meu se tem engrandecido; vê, se os poetas, não d'acrosticos, te glorificam nos seus poemas, como a mim me glorificaram; vê, se as auctoridades illustradas, patrioticas, progressivas, ecclesiasticas, civis e militares, te coadjuvam e exforçam para o teu *titulitão-beltrão*, como a mim

me tem coadjuvado e exforçado, me coadjuvam e exforçam, e me hão-de continuar com tua licença, ou sem ella a coadjuvar e exforçar para a diffusão do Methodo Portuguez; vê, se o congresso das Damas protectoras da INFANCIA DESVALIDA te dirige officialmente, como a mim, expressões de benevolencia e satisfação; vê, se as misericordias, os hospitaes, as cadêas, os quarteis, as camaras municipaes, acceitam a tua indicação de tornarmos para traz, como acceitaram a minha de marcharmos para a frente; vê, se um parlamento de patriotismo e luzes, legaliza o teu ensino, como legalizou o meu, e te nomeia Commissario Geral do *pé agá á fa*; vê, se o Governo te dá a mão para a tua obra de Satanaz, como a mim m'a está dando para a obra de Deus; vê, se as primeiras, e mais altas personagens do estado te ennobrecem, como a mim, com a manifestação do seu bemquerer; vê, se algum escriptor illustre, se algum Lopes de Mendonça, pede para ti o premio de uma subscripção nacional; vê, se algum paiz estrangeiro deseja o teu methodo de annos largos de galé, como succedeu ao Methodo liberal, e filosophico; vê, sobre tudo, (e aqui não gracejo, que a ponderação é gravissima), vê, se quando chegares á agonia, a consciencia te ha-de estar tão serena e satisfeita por essas tuas deligencias de hoje, como o ha-de estar a minha, pelo que n'esta materia tenho feito, estou fazendo, continuarei a fazer até ao fim.

Póde-se doidejar em muita coisa; n'esta ha uma grande responsabilidade, homem, pelo amor da tua alma; senão fôr pelo do proximo, pensa n'isto em alguma hora menos ébria, do que essa, em que sahiste embuçado para me denegrir a mim, e roubar o futuro da nossa pobre patria.

Por quem sois, relêde agora o texto do enxalmo; « que « invenção é esta tão proficua á humanidade, que não póde es- « tabelecer-se senão á pancada, e á custa do orçamento. »

Sempre o dinheiro! sempre a idéa de catinga!

Na pagina 27, destilla o cerebro cavallar o seguinte: « Que « mal lhe fazem, torno a perguntar, os mestres ramerranei- « ros, que outra coisa não pedem senão, que os deixem em « paz, e lhes augmentem os ordenados ? »

São modestos os taes mestres ramerraneiros, são modestissimos no seu pedir; dêem-lhes mais dinheiro, e não lhes exijam ensino. Quem limita a tão pouco as suas ambições, que mal faz a ninguem? N'um officio, que recebo agora mesmo do Ex.mo Governador Civil de Braga, o Sr. Conde de Brétiandos, lembra aquelle tão illustrado, como patriotico e ferveroso func-

cionario, quanto conviria que aos mestres regios, que se obstinassem em antepôr ao methodo portuguez o methodo-moiro, as camaras municipaes denegassem, por uma nova disposição legislativa os 20$000 rs. com que lhes accrescentam o ordenado. Assim é que discorrem os que tem nome e o merecem. Os anonymos lôrpas, que deploram as despezas do orçamento para quem trabalha proficuamente, invocam para quem nada produz; nem quer produzir, um augmento de salario.

Na pagina 27 e párte da 28, estende-se uma cordilheira de descocos insolentes a que seria opprobrioso dar a minima resposta. Só do ultimo direi algùmas palavras.

« Onde se sumiram, pergunta ironicamente o deslavado « magarefe, onde se sumiram estes ingratos (os discipulos do « meu primeiro curso nocturno), que, vendo aquelle senhor « (Castilho) na resolução de ir para o estrangeiro buscar me- « lhor fortuna, que a sua ingrata patria lhe negava, não vie- « ram todos em procissão, e pé descalço, com um nós abaixo « assignados, e ao rithmo do pirolito, pedir ás côrtes uma es- « mola para o seu preceptor? Onde se sumiram estes ingratos, « que não andam ahi por essas ruas, como andam tantas rari- « dades, a mostrar-se para confusão dos incredulos ramerra- « neiros? Onde se sumiram estes ingratos, que não acodem « em chusma a votar no seu bemfeitor para Deputado ás Côr- « tes, ou para Vereador da Camara Municipal de Lisboa. »

Interpretando isto segundo a dialectica das senhoras vizinhas de má lingua, que é a unica porque lê o nosso masmarro, quer dizer, que o movel dos meus trabalhos, era a ambição de me fazer eleger deputado, ou vereador. Quando abri no palacio do Sarmento o primeiro, mui trabalhoso, e mui dispendioso curso popular, não faltou quem se estafasse a excogitar ao meu serviço algum motivo secreto, e já se sabe ruim. Uma das probabilidades ou certezas, que por então mais grassaram, entre os folhetinistas verbaes, e os palestreiros ociosos e roazes, foi, que eu armava á popularidade, como introducção ao parlamento. Logo que o eu soube, protestei alto e bom som aos centenares de testimunhas das prelecções, e pela imprensa periodica a todo o povo Portuguez, que não só não aspirava eu a legislador, mas, que, nem que se dignassem de m'a offerecer os meus patricios, eu acceitaria jámais essa grande honra. Se eu tivesse querido ser deputado, alguma vez o houvera já sollicitado, e provavelmente conseguido.

A' vereação municipal de Lisboa, é verdade que me offereci. Por interesse pecuniario, não, que o lugar é gratuito;

por ambição de gloria, tambem não, que é obscuro. Pois por que? Porque a pezar de affogado em trabalhos indisputavelmente uteis, e que me não dão folga nem respiro, entendi e entendo ainda agora, que muita coisa bonissima, e de facillima execução, se podia ainda fazer no municipio a prol da civilisação, se um homem deveras dedicado a ella, um utopista intrepido, um poeta patriotico, apparecesse lá a representar interesse, que ainda até hoje não tiveram, que eu saiba, advogado efficaz em municipio algum de Portugal. Parte das propostas, que eu havia de ter feito á Vereação, acham-se nas notas do meu livro CAMÕES; parte nas providentes doutrinas dos COLLOQUIOS ALDEÕES DE CORMENIN; parte, na minha FELICIDADE PELA AGRICULTURA; nos prologos e no espirito das minhas publicações ultimas. Propondo-me candidato para o anno de 1854, sabia, decerto, que ia accrescentar as minhas lidas; mas presumia quasi decerto que ia concorrer para que a nossa terra se dotasse de algumas excellencias, que, sem custo, se podia dar. A minha candidatura foi franca e singella. Todos os jornaes a reproduziram.

« Antonio Feliciano de Castilho offerece-se respeitosa-
« mente aos Srs. Eleitores para a vereação municipal de Lis-
« boa de 1854. »

Contente de haver tambem n'isto obedecido á minha consciencia, não fallei sobre a materia a um unico influente, a um votante, a um unico redactor, a um unico ministro. Os eleitores entenderam que deviam preferir-me outros; não me offendi, nem levemente; e por outra parte folguei de ver que havia aqui tantas pessoas reconhecidas por ainda mais zelosas do que eu, do serviço publico.

Da pagina 28 até metade da pagina 32, apresenta o bonifrate, como historia do methodo, um feltro apisoado de patranhas, todas, já se sabe, calumniosas, para não perder o costume. Não as assignal-o, porque todo o publico esta hoje em estado de as conhecer por si mesmo; menos ainda as commento, porque não ha resmas de papel para esperdiçar. Apontarei uma para amostra: Dos discipulos do meu primeiro curso só meia duzia (diz elle) respondia ás perguntas, e n'essa meia duzia se contavam os meus filhos. A meia duzia eram centos; os meus filhos nunca se assentaram em taes bancos. E serão filhos meus todas as crianças dos Asylos? todos os soldados das escólas regimentaes? todos os operarios das populares? São; mas é pelo amor, como os das *escolas ferozes* são enteados e inimigos irreconciliaveis dos seus pseudo-mestres.

O final do seu chronicão, mui veridico é este:

« *Seguiu-se grande estrondo de palmas e bravos, e eu dei-*
« *tei logo a fugir, e não quiz mais saber de leitura repentina.* »

Este curioso desfecho da comedia, é o que se vê gravado na capa do presente folheto.

Mas porque não quereria elle saber mais nada de leitura repentina? do que esse pouco e mau, que tinha visto ha 15 mezes, se tencionava escrever, e se escreveu sobre leitura repentina? A resposta é obvia; porque temia o desengano; porque não queria ver a verdade, que elle estava decididissimo e apostado a impugnar; porque é um anonymo, e não um author; um salteador de vallados, e não um combatente honrado.

Ao *não quiz saber mais de leitura repentina*, acrescenta o jagódes; porque em fim elle dá sempre as tolices acoguladas.

« Nem tu (Professor de aldea) tambem queiras saber d'is-
« so; porque não vale a pena, a menos que te obriguem, porque
« (notem bem o porque do bácoro) nesta época, em que todos
« somos livres, tambem as authoridades o são, para nos obri-
« garem áquillo, que lhes parece. »

Então, senhores Professores, é bico, ou cabeça? E' bico de certo, porque de cabeça, não apparece aqui nada. Vêdes como se increspa contra a idéa de poderem as authoridades fiscalisar que se não venda ao povo instrucção ruim ou nulla? Que ideas tem de liberdade este liberal? Que idea dos direitos e deveres de ensino este mestre do *mestre de aldea*? Que extremada charidade este christão? Que patriotismo acrisolado este empregado publico? E finalmente, que tendencias nobres para os grandes futuros, com que todos hoje sonham, este caranguejo da philolophia? A sua teima é sempre esta: « Dêem
« mais dinheiro aos mestres, e lá que elles ensinem, ou não,
« pouco importa, e não é da conta de ninguem. »

Faria horror o brutamontes, se não fizesse rir.

« Eu sempre sou de parecer » diz o bronco ao seu paciente aldeão a pagina 33 « que sigas no teu magisterio o nosso anti-
« go ramerrão, procurando acomodal-o ao grau de compreen-
« são de teus discipulos, e revestindo-te principalmente de mui-
« ta paciencia, sem a qual nenhum mestre póde ensinar, e ne-
« nhum discipulo póde aprender. »

O conselho é digno do conselheiro; a clausula da paciencia, indispensavel ao preceptor e ao alumno pela sórna antiga, é o mais cabal panegyrico do Methodo Portuguez. Lá, era necessaria paciencia de parte a parte; e que paciencia! de martyr. Cá, se ha custo para o discipulo ou para o mestre, é mais

4

no largar o trabalho, que no seguil-o. Lá trovejava-se, espancava-se, zurzia-se; lá, chorava-se, e odiava-se. Cá, ama-se, folga-se; ri-se; desenvolvem-se harmonicamente as faculdades moraes, intellectuaes, e corporaes; e depois, cá, brincando fica-se lendo bem, escrevendo legivelmente, fallando com exacção e clareza, e com propensão formada para os livros. Lá, em dez vezes mais tempo, ou não se chega a ler, ou se obtem um ler defeituosissimo, insulso, narcotico, indecente, um escrever cacographico, uma pronuncia desleixada, gaga, tartamuda, e nenhuma reformação nos barbarismos do vocabulario; em fim obtem-se aquillo, que, infelizmente, chegou, á força de geral, a conseguir fóros de anexim na lingua portugueza: ODIO A' LETTRA REDONDA; tudo isto cifra em si o ramerrão, que o lapurdio aconselha ao mestre de aldêa; o qual, por peccados nossos, talvez se fie n'elle.

Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire;
Un sot pour l'imprimer, et des sots pour le lire.

Na mesma pagina 33 sai do lanzudo a primeira verdade: « Um estudante, que mostra verdadeiro desejo de se instruir, e « a isso se dedica com resignação, se não consegue o seu fim torne a culpa ao mestre. »

O termo de *resignação* para um estudante das *escólas bravias*, é perfeitamente applicado. O imputar-se aos mestres a falta de approveitamento, é imminentemente justo. Mas de facto, os estudantes nos açougues chamados escólas, não aprendem; sobre tudo não aprendem, se se comparam com os estudantes das escólas regeneradas; logo os responsaveis, são os mestres; logo os roubadores das familias são os mestres; logo os castradores das intelligencias na puericia, são os mestres; logo os que esterelizam mil germes de civilisação, os que obstruem o caminho do porvir, os que sem o cuidarem povoam as ruas de mendigos, os azylos de desamparados, as cadêas, as galés e os desterros de criminosos, são os mestres, os mestres do ramerrão, d'esse ramerrão fatal, pestifero, abominavel, odiosissimo, maldicto por Deus, maldicto já pelos homens, mas delicioso para o diabo, e recommendado pelo anonymo ao mestre de aldêa, como coisa, que lhe enche o olho.

Na mesma pagina: « Rapazes de todas as idades que eu « vi nas aulas nocturnas do Castilho, todos sequiosos de ins- « trucção, se ficaram na ignorancia, mal haja quem os illu- « diu. »

Não ficaram; esses tres mezes deram-lhe mais, do que tres annos lhes dariam na melhor escola do ramerrão; e se lhes não deram tudo quanto era para desejar, a rasão, já acima a expozemos: foi o mal composto d'aquelle curso, ninguem os illudiu: Neste campo de luz, ninguem illude; neste povo de Deus, não ha falsos prophetas; o que uma voz annunciou, mais de cem escólas o provaram, e o continuam a demonstrar.

Após uma misturada de verdades triviaes, logomachias, e desacertos, diz por derradeiro o parrana a paginas 34 (transcrevo com a mais escrupulosa fidelidade como sempre): « Per-« suadido de que estimáras saber a minha opinião sobre a ma-« neira mais facil, e menos fastidiosa de ensinar, vou dizer-te « sobre isto alguma coisa, que talvez te aproveite. »

« A um discipulo, que ainda não conheça o alfabeto, ensi-« na a nomear as letras assim: — á, bê, cê, dê, é, éfe, gê, « agá, i, ji, éle, éme, éne, ó, pê, quê, érre, ésse, tê, u, vê, xis, « zê. — »

A'vista deste sudario do alphabeto, é excusado, senhores professores, e meus bons amigos, occuparmo-nos mais com similhante camuéca. O restante, já pouco mais ou menos se adivinha. Aqui tendes vós a famosa *Carta a um Professor d'Aldêa*, annunciada em todos os periodicos.

As ultimas palavras do papel ou do papelão, são estas: « Meu amigo, sem mais cerimonia, digo-te adeus. Confio que « não será esta a ultima vez, que te falle no Methodo francez-« portuguez de leitura repentina, e por isso entendo que bas-« ta de maçada por ora. »

E al não disse. Agora eu tambem por despedida, e com toda a seriedade possivel. Senhor.... (perdão, ia escrever o vosso nome) senhor anonymo, já que os meus seiscentos e tantos mil réis, a que vós chamais um conto e cem mil réis, tanto accendem a vossa cubiça, e já que, tão certo estais da inefficacia do METHODO PORTUGUEZ, e da efficacia do vosso, illucidemos, por via d'uma aposta formal, esta questão, que, por certo, é, momentosa. Já deveis estar convencido de que um *debate* intellectual é impossivel entre nós. Callemo-nos portanto, nós, e fallem os factos.

Eu vos entregarei dois alumnos da idade, que vos aprouver, para vós os doutrinardes; vós me entregareis outros dois, que não conheçam *A* nem *B*, para eu os fazer doutrinar em qualquer das minhas escólas. Se ao cabo de tres mezes os meus amiguinhos não fizerem mais, e incomparavelmente melhor, que os vossos padecentes no fim d'um anno, um anno do meu

ordenado, e da minha pensão pertencem-vos. Se os vossos, porém, se acharem a uma incommensuravel distancia de inferioridade, perdeis vós do vosso ordenado vinte moedas, de que eu faço já d'aqui premio aos meus alumnos. Isto não é uma faufarrice. A'manhã, se quizerdes, lavraremos as escripturas em casa do tabellião, que designardes.

Dicestes, que não seria esta a ultima vez, que fallasseis no Methodo de Leitura Repentina. Ainda que sobre elle falleis mil vezes, ainda que imprimais contra elle uma livraria, como a do Vaticano, nada havereis provado, se recusais a aposta, que vos proponho; nada, por parte da intellectualidade; por parte da moralidade, muito, mas tudo contra vós.

Meus caros Professores e minhas amaveis Professoras, podeis ficar certissimos de que não acceita; e se acceitasse, certissimos podeis estar tambem, de que as vantagens do nosso bom Methodo tornariam a apparecer pela milesima vez incontestaveis na sua lucta desigual, e já quasi covarde contra o ramerrão.

Lisboa 13 de Novembro de 1853.

A. F. de Castilho.

P. S. Recommendo-vos a leitura de dois, ou não sei se mais artigos, publicados no jornal o *Chronista* contra o METHODO-PORTUGUEZ, bem como o folheto que ahi acaba de apparecer, contra o nosso pimpãosinho anonymo, & Companhia, intitulado *Carta d'um Professor de Aldea, em resposta a outra recebida de Lisboa sobre a Leitura Repentina.*